

SANURA MOZELE FREITAG LUDWIG

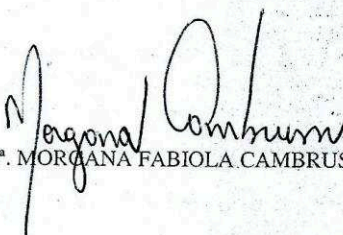
Representação metafórica da língua guarani em relatos históricos sobre a Guerra do Paraguai

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFPS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Morgana Fabiola Cambrussi


Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 13/11/2017.

BANCA EXAMINADORA


PROF^ª. DR^ª. MORGANA FABIOLA CAMBRUSSI


PROF^ª. ME. ADRIANA HOFFMANN


PROF^º. DR^º. SANTO GABRIEL VACCARO


SUPLENTE: PROF^º. DR^º. ERIC DUARTE FERREIRA

Representação metafórica da língua guarani em relatos históricos sobre a Guerra do Paraguai¹

Sanura Mozele Freitag Ludwig²

RESUMO: Este artigo analisa os modos metafóricos de referenciar a língua guarani nas obras “Genocídio americano: A guerra do Paraguai”, de Júlio Chiavenatto (1979), e “Maldita Guerra”, de Francisco Doratioto (2002), equiparando os resultados de acordo com a fundamentação teórica da Metáfora Conceitual de Lakoff e Johnson (1980). Seguindo essa perspectiva, o referencial teórico destaca os elementos metafóricos que ocorrem na compreensão comunicativa da metáfora. A metodologia explora as relações empregadas pelos autores nas referências metafóricas selecionadas para análise, investigando os efeitos das representações metafóricas descritas no contexto de narração da Guerra do Paraguai enquanto acontecimento histórico. Ocorreram 17 metáforas nas obras estudadas, das quais 08 foram analisadas a fundo. Os resultados indicam a existência de *Metáforas Estruturais*, *Ontológicas* e *Orientacionais* nos relatos históricos selecionados.

PALAVRAS-CHAVE: Representação metafórica. Metáfora Conceitual. Representações da língua guarani.

1 Introdução

Este artigo investiga representações metafóricas da Língua Guarani coletadas nas obras “Genocídio americano: A guerra do Paraguai”, de Júlio Chiavenatto (1979), e “Maldita Guerra”, de Francisco Doratioto (2002). O trabalho está embasado na teoria da Metáfora Conceitual de Lakoff e Johnson (1980) e investiga de modo contrastivo a construção e os processos de metaforização de um elemento apresentado como periférico (a Língua Guarani) no cenário histórico das obras e os modos de representá-lo em ambos os materiais de análise.

Em termos de organização argumentativa, a obra de Júlio Chiavenatto (1979) é pró-Paraguai e, de certo modo, pioneira, pois a Guerra do Paraguai havia sido pouco debatida no Brasil até a publicação desse livro. Já o trabalho de Francisco Doratioto (2002) é pró-tríplice aliança – Brasil, Uruguai e Argentina. Esta obra é uma análise rebuscada das

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Profa. Dra. Morgana Fabiola Cambrussi.

² Acadêmica da 9ª fase do Curso de Letras, UFFS, *Campus* Chapecó. Contato: sanuraludwig@gmail.com.

relações entre o Paraguai e a tríplice aliança, esclarecendo uma época conturbada na história do Paraguai. Essas importantes publicações reconstróem a Guerra do Paraguai enquanto fato histórico. Na análise desse material, o artigo tem a função de discutir a metaforicidade presente nas referências linguísticas à Língua Guaraní a partir da visão dos autores, revelada por meio das diferentes posições assumidas nos relatos da Guerra do Paraguai.

Estudos como este estão ancorados na Linguística Cognitiva, que assume a cognição humana como a base do conhecimento, responsável pela construção do sentido, processando e transmitindo a informação da experiência humana; em razão de o sistema conceitual humano ser metafórico é que se desenvolveram os estudos da Metáfora Conceitual, pelos quais serão mapeados os sentidos das metáforas investigadas neste trabalho.

2 Guerra do Paraguai – contexto e relato

2.1 Caracterização do conflito

A Guerra do Paraguai iniciou-se no ano de 1864 e finalizou-se no ano de 1870, durante o governo paraguaio de Francisco Solano López. Uma das teses assumida pelos historiadores é a de que os conflitos começaram no momento em que não se permitiu a entrada da classe privilegiada no Paraguai e eliminaram-se representantes do poder econômico paraguaio, excluindo a burguesia dos lucros de exportação do país. Os registros citados por Doratioto (2002) relatam que Solano López havia sido enviado à Europa para comprar armamentos, e por esse intermédio o país foi modernizado; alguns de seus jovens foram profissionalmente e intelectualmente formados no exterior, bem como houve o recrutamento de técnicos europeus para modernizar o país, sendo os projetos de serviços básicos construídos pelos ingleses no Paraguai; o comércio no Paraguai, em sua maior parte, era estatal e, para manter o ritmo de desenvolvimento, a economia paraguaia necessitava ampliar o comércio externo para a importação de suas tecnologias (ibidem).

Há pelo menos duas posições que sustentam motivações distintas para a origem da Guerra do Paraguai e essas posições ganham especial relevância para a análise contrastiva que pretendemos realizar nesta pesquisa. A primeira delas, apresentada por Doratioto (2002), relata que o Tratado da Tríplice Aliança (acordo entre Argentina, Brasil e Uruguai

para a intervenção militar no Paraguai) foi assinado porque teria havido uma invasão paraguaia ao município argentino de Corrientes, e essa ocupação de território, para o autor, foi a real motivação para o ataque ao Paraguai. A segunda posição, conforme Chiavenatto (1979) considera que interesses econômicos e financeiros europeus motivaram o conflito, em virtude de uma grande paralisação na economia da Inglaterra; Chiavenatto sustenta a tese de que a potência britânica teria formado politicamente a Tríplice Aliança, fomentado e financiado o ataque ao Paraguai.

Segundo Chiavenatto (1979), a Guerra do Paraguai teve o objetivo único de destruir um povo sob qualquer pretexto, e a prova disso seria a datação do próprio Tratado da Tríplice Aliança, uma vez que já estava assinado um ano antes de a guerra ocorrer. Em posição contrária, de acordo com Doratioto (2002), em 1968, o Brasil acabou com a coluna invasora em Corrientes e essa vitória bloqueou o contato marítimo do Paraguai com outros países; conforme essa visão, as principais razões do conflito girariam em torno da necessidade de a República Paraguaia recobrar suas condições portuárias.

Já Chiavenatto (1979) considera que o Brasil e a Argentina teriam sido manipulados pela Grã-Bretanha (maior potência econômica da época), uma vez que havia acentuado interesse inglês pelo algodão produzido nos campos paraguaios, a fim de que se abastecessem as indústrias têxteis da Inglaterra. Segundo o autor, esse abastecimento havia sido comprometido pela Guerra Civil Norte-americana, que interrompeu o fornecimento da matéria-prima pelos estadunidenses. Porém, sabe-se que a Guerra do Paraguai se iniciou quando a luta norte-americana já havia terminado, sem a Grã-Bretanha obter algodão paraguaio, além disso, Doratioto (2002) alega que à época o Egito atendia às necessidades da indústria têxtil britânica.

Os autores concordam quanto ao fato de que, quando a guerra foi concluída, o Paraguai teria ficado destruído e sua população masculina praticamente dizimada; os países da Tríplice Aliança apropriaram-se de partes do território paraguaio e a Inglaterra teria conseguido bloquear o progresso de um país latino-americano economicamente livre (CHIAVENATTO, 1979). Para Doratioto (2002), a Guerra do Paraguai foi um dos auges de ganhos da Europa, pois os europeus supriram as necessidades bélicas dos países da Tríplice Aliança, além de terem fornecido carvão e mantimentos para o Império do Brasil e para as tropas no geral. Mas os europeus não teriam sido os únicos a lucrar: a guerra também

favoreceu a atividade pecuária na Argentina, impulsionou a produção de trigo e de milho, bem como enriqueceu uma parcela significativa de comerciantes do próprio continente americano.

Mesmo após o final do conflito, os relatos apontam que se seguiram anos de tensão entre os países envolvidos. Apenas em 1875, representantes argentinos, brasileiros e paraguaios chegaram a um Tratado de Paz decisivo, principalmente entre Argentina e Paraguai (cujos limites territoriais ainda eram um problema em aberto). Entretanto, somente no século XX, no ano de 1976, é que esse Tratado de Paz foi posto definitivamente em prática, com o acerto referente à dívida contraída pelo Paraguai em função da guerra e com a especificação das fronteiras de cada país.

Como se pôde notar, são expressivas as posições divergentes assumidas em relação à narratividade do acontecimento histórico representado pela Guerra do Paraguai. Na próxima seção, discutiremos mais diretamente esse confronto de posições e como o discurso da história pode comportar modos de narrar tão destoantes. Nosso objetivo, como apontado, é explicitar os modos de caracterização do contexto ideológico e do cultural sobre os quais se sustentam as metáforas de representação da língua guarani nas duas obras analisadas nesta pesquisa.

2.2 Modos de narrar – as vozes da história

Chiavenatto (1979) e Doratioto (2002) assumem posições discursivas conflitantes em relação à Guerra do Paraguai. Esses autores tomam o acontecimento histórico de perspectivas que, muito embora sejam divergentes, compartilham certos aspectos. Ambos os autores concordam que o resultado do conflito possa ser descrito como um genocídio da população paraguaia e que, de alguma forma, a Inglaterra tinha interesses econômicos que envolviam os países latino-americanos, esteve diretamente relacionada com a guerra e dela logrou vantagens políticas e comerciais. Mas as semelhanças de posicionamento encerram por aí.

Para interpretar essas posições conflitantes de Chiavenatto e Doratioto, podemos lançar mão das reflexões de Foucault (1987), para quem a história contínua reflete um conjunto de lapsos e de acontecimentos, pois a linha contínua da historicidade permite que tudo que foi esquecido seja lembrado e adicionado de alguma forma nos arquivos

históricos. Segundo essa visão, os indivíduos poderão apoderar-se de pertences de uma sociedade documental, de uma determinada época e garantir que se faça história por meio de suas posições construídas; conforme Foucault (1987) é necessário que se considere, nas memórias da história, toda dispersão temporal dos discursos sobre ela.

O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele não diz; e esse não-dito seria um vazio minado, do interior, tudo que se diz. O primeiro motivo condena a análise histórica do discurso a ser busca e repetição de uma origem que escapa a toda determinação histórica; o outro a destina a ser interpretação ou escuta de um já-dito que seria, ao mesmo tempo um não-dito. É preciso renunciar a todos esses temas que têm por função garantir a infinita continuidade do discurso e sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida. É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância. (FOUCAULT, 1987, p. 28)

Chiavenatto (1979) assume a visão de que Solano López era anti-imperialista e que o Paraguai possuía um desenvolvimento autônomo, sendo este desenvolvimento o motivo real para que a Inglaterra desencadeasse a Guerra do Paraguai, pois este país não teria se submetido ao sistema imperialista britânico; para o autor, o Paraguai era o país mais progressista da América do Sul, por possuir uma estrutura industrial e tecnológica bem desenvolvida para o séc. XIX. A abordagem de Chiavenatto é delineada por uma conduta autodidata, cujo interesse de estudar a América do Sul ganhou uma dimensão prática quando o autor percorreu os países envolvidos no conflito para produzir sua investigação.

Podemos considerar que sua ideologia é a de que só se poderia escrever sobre a Guerra do Paraguai ouvindo a realidade do povo guarani; além disso, o autor parece seguir uma linha revisionista da história, ao contestar algumas das posições anteriormente assumidas acerca do conflito e, principalmente, ao contestar a perspectiva histórica construída pelos historiadores imperiais e monárquicos, os quais produziram distorções no relato dos acontecimentos em prejuízo ao Paraguai, que assumiria a posição de vítima frente ao imperialismo britânico. Ao enunciar esse conjunto de acontecimentos, Chiavenatto carrega semanticamente a memória de uma guerra em que as posições em conflito são marcadas como desproporcionais e mesquinhas. Esse ato de enunciar e o modo como os enunciados são postos em operação em si mesmos constituem um acontecimento:

Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. [...] abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; [...]. (FOUCAULT, 1987, p. 32)

De acordo com Foucault (1987), o enunciado se constitui de um objeto e esse objeto é complementado até se modificar inteiramente, tornando-se distinto pela atividade cotidiana. Tudo que o enunciado sistematiza encontra-se arquetizado e livre para ser descrito. Nesse sentido, o sujeito se define de acordo com as situações; esse sujeito indaga, percebe, faz a mediação que pode alterar a informação, idealizando os enunciados, que são retomados em um discurso como verdade, como se pode perceber no discurso sobre a história da Guerra do Paraguai presente em Chiavenatto (1979).

Por outro lado, Doratioto (2002) acreditava que Solano López era um governante absolutista e que sacrificou a vida de muitas pessoas, desde militares até crianças paraguaias, movido exclusivamente por interesses políticos e pelas contradições platinas. O autor rejeita a suposta usurpação do imperialismo britânico sobre o Paraguai e defende que a Inglaterra almejava o desenvolvimento político do país guarani, inclusive, oficiais ingleses teriam negociado com o governo de Solano a livre navegação de embarcações inglesas. Na visão do historiador, a guerra ocorreu em um período em que ambos os países estavam em situação de acordo quanto a seus interesses. Muito distante da pesquisa de campo desenvolvida por Chiavenatto, o método de pesquisa utilizado por Doratioto baseia-se na análise da documentação disponível para se compreender o conflito, atividade em que o autor investiu quinze anos de estudo.

Muito embora seja tentador pensarmos que uma análise do conflito pautada em registros documentais ofereça fidedignidade em relação ao acontecimento pontuado pela linha histórica, em especial se confrontada com uma análise cuja ancoragem venha da construção de uma memória coletiva semi-registrada, o que se revela pelo funcionamento discursivo coloca em cheque essa suposta fidedignidade. Segundo Foucault (1987), o discurso é algo que vai além dos documentos e das falas de uma determinada época, geralmente os objetos são vistos a partir de situações históricas e de semelhanças com outros objetos no seu campo específico. A história é um jogo hierarquizado concentrado em

atos governamentais, em revoluções, em eventos que se distanciou do discurso literário e se aproximou da cientificidade, pressupondo-se contínua e real; isso ocorre pela negação do descontínuo. De acordo com Pinto (2011), também baseado em Foucault, a veracidade do real é tão discursivamente construída quanto à própria realidade, e isso certamente influi sobre a visão que temos da história.

Partindo do pressuposto que a realidade é uma construção discursiva passa-se a questionar um verismo que por muito tempo marcou o fazer histórico, fruto da ilusão cientificista de dominar a realidade. “Saber o que aconteceu” definiu por muito tempo o procedimento do historiador. A materialização dos fatos históricos, como entes ordenáveis e preexistentes, dava segurança e cientificidade à História. Como as ciências naturais, caberia à História descobrir a lógica da realidade, suas leis e, assim, ordená-la. (PINTO, 2011, p. 152)

Ao considerarmos esse modo de conceber os discursos sobre a história, ancorados em Foucault (1987), assumimos que o registro documental que tradicionalmente a constituiu não determina a verdade, mas segue uma força interpretativa que a ordena e nela identifica elementos, descrevendo relações, reconstruindo discursivamente o que se fez ou o que se disse; a história, portanto, procura definir séries de relações, as quais ganham materialidade pelos enunciados que ideologicamente as narram. Nesse modo de narrar, tornam-se legítimas, independente da contraditoriedade que refletem, ambas as posições acerca da Guerra do Paraguai que colocaremos em análise neste trabalho.

3 Língua Guarani – origens e políticas de apagamento

3.1 Origens do guarani, identidade e cultura

As línguas são agrupadas em famílias e suas características; o mapeamento dessas línguas e seus agrupamentos foram historicamente produzidos por meio dos estudos histórico-comparativos. A língua indígena guarani, de modo específico, ficou conhecida através da investigação de documentos dos séculos XVI e XVII; a língua mais falada na república paraguaia nos anos de 1980 era “[...] o Guarani Paraguaio, falado no Paraguai por cerca de três milhões de pessoas [...]” (RODRIGUES, 1986, p. 33). Essa língua obteve grande importância histórica, não somente pela sua tradição de séculos passados, mas também pelo papel que desempenhou no processo histórico de ocupação do território americano, sendo considerada uma língua clássica da América do Sul.

Conforme Alcaine (1999) há um conjunto de línguas indígenas ameríndias normalmente referenciadas como *guarani*; há semelhanças linguísticas entre elas, porém, essas línguas sofreram mudanças de transculturação durante as diferentes etapas da colonização paraguaia. Essas mudanças ocorreram porque muitos indígenas acabaram se deslocando de sua região para se tornar mão-de-obra barata nos grandes centros urbanos e nos campos das cidades espanholas, mesmo assim, a língua guarani era conhecida como “língua geral” no país paraguaio pelos colonizadores, pois essa era a “língua geral” falada pelos indígenas.

A expressão “língua geral” foi inicialmente usada, pelos portugueses e pelos espanhóis, para qualificar línguas indígenas de grande difusão numa área. Assim [...] foi chamado [...] o Guaraní, no início do século XVII, de “Língua Geral da Província do Paraguai”. (RODRIGUES, 1986, p. 99)

De acordo com Rodrigues (1985, p. 29-35), o guarani paraguaio se disseminou no nordeste da Argentina e no Paraguai durante o período colonial, seu tronco linguístico é originário da família Tupí-Guarani e uma das línguas que constituem essa família é o Guaraní Antigo, que possui características próximas ao Ñandéva (Txiripá, Apapokúva). Outra língua é o Mbyá que possui um traço fonológico mais conservador que o traço do Guaraní Antigo. Já o Chiriguáno separou-se do Mbyá e do Guaraní Antigo. O Izoceño é um dialeto do Chiriguáno. O Guayakí (Aché), alterado na sua estrutura gramatical, aproxima-se do Mbyá.

Segundo Azevedo et. al. (2008), desde 1505, o guarani evidenciou uma grande unidade linguística e cultural. Durante a época colonial, a língua guarani comum era falada por seis milhões de paraguaios, porém, essa língua comum é diferente do guarani paraguaio moderno, possuindo muitas diversidades, ao ponto de ser considerada outra língua, pois, além de apresentar influências mais fortes e evidentes do contato com a língua espanhola, o guarani paraguaio moderno é reconhecido, juntamente com o espanhol, como língua nacional do país.

Navarro (2004) aborda que, no Paraguai, houve três variantes principais da língua guarani, o *jesuítico*, o *tribal* e o *guarani paraguaio*. O *guarani jesuítico* falou-se entre 1632 e 1767 até a sua extinção em 1870, restando documentos oficiais e registros escritos informais para a comprovação de sua existência. Os jesuítas ensinaram o castelhano para os indígenas, porém, o contingente hispânico era reduzido no país. O *guarani tribal* é limitado

por regiões e falado por cinco ou seis etnias no território paraguaio. A língua *tribal* é a mescla de grupos mestiços. O *guarani paraguaio/crioulo* é falado por 90% da população do país, há diferenças dialetais no *guarani paraguaio/crioulo*, por questões geográficas urbanas e rurais, bem como influências do castelhano na escrita e no vocabulário, sendo variável o grau de discretude entre as línguas. O *Jopará*, que é falado na zona urbana, mescla o guarani com o castelhano, sendo o *guarani paraguaio/crioulo* uma língua formada com completa interferência do castelhano.

Durante o período do governo de José Gaspar Rodríguez de Francia (1815 – 1840) se tomaram medidas políticas, sociais e econômicas que restaram poder a esta minoria florescente que havia conseguido um grande poder, o que significou a redução dos âmbitos do uso do castelhano. Os governos posteriores de Carlos Antônio López e de Francisco Solano López permitiram um desenvolvimento econômico e cultural do país, que aumentou notavelmente o número de falantes bilíngues urbanos. Durante o governo de Francisco Solano López o Paraguai entrou em conflito contra Brasil, Argentina e Uruguai, a chamada Tríplice Aliança: será nesse período quando o guarani volta a alcançar prestígio social e se converte em língua de identidade nacional devido à exaltação nacionalista. (ALCAINE, 1999, p. 9)³

Alcaine (1999) discute que, desde o final do século XVIII, as condições econômicas variavam, refletindo assim na língua, pois a população que residia no país estava envolvida nas atividades comerciais. Após os conflitos históricos no Paraguai é que se voltou a preservar o nacionalismo Guarani, porém, a população já era bilíngue. O que fomentou o bilinguismo, portanto, foram as condições históricas, sociais, econômicas, demográficas e culturais, que permitiram a consolidação da língua indígena e da língua crioula. Essa língua crioula (*guarani paraguaio* atualmente falado) surgiu da necessidade imposta de comunicação entre as diferentes comunidades existentes na república paraguaia.

3.2 O apagamento do guarani como desconstrução de um ideal de nação

De acordo com Olivera (2011), as línguas europeias foram prioritárias nas políticas de dominação, em especial na América do Sul, porém, as línguas indígenas que, durante

³ Tradução nossa. No original: Durante el período de gobierno de José Gaspar Rodríguez de Francia (1815 – 1840) se tomaron medidas políticas, sociales y económicas que restaron poder a esta minoría floreciente que había conseguido un gran poder, lo que significó la reducción de los ámbitos del uso castellano. Los gobiernos posteriores de Carlos Antonio López y de Francisco Solano López permitieron un desarrollo económico y cultural del país, lo que aumentó notablemente el número de hablantes bilingües urbanos. Durante el gobierno de Francisco Solano López Paraguay entró en conflicto contra Brasil, Argentina y Uruguay, la llamada Triple Alianza: será en ese período cuando el guaraní vuelva a alcanzar prestigio social y se convierta en lengua de identidad nacional debido a la exaltación nacionalista. (ALCAINE, 1999, p. 9).

esse processo, não desapareceram por completo permaneceram como minoria linguística. A luta do século XX era a de promulgar o artigo 140 da Constituição do Paraguai: a lei visava ao Paraguai como um país bilíngue. A partir da promulgação é que se começou a questionar sobre o valor cultural dos povos e das línguas indígenas, reivindicando-se, com isso, alguns direitos de reconhecimento cultural. Apesar de grande parte do povo indígena ter sido aniquilada também no Paraguai, parte de sua sociedade moderna sentiu a necessidade de recuperar esse passado quase que extinto e teve esse desejo reconhecido por ações públicas como a inserção do estudo histórico da língua guarani nos currículos escolares e a institucionalização do guarani paraguaio como língua oficial.

A implementação da Língua Guarani como disciplina chegou a distintos níveis da Educação Paraguaia, tanto em instituições oficiais como em privadas, assim, em 1944 o Ministério da Educação e Cultura da República do Paraguai, criava a Escola Superior de Humanidades (hoje faculdade de filosofia da Universidade Nacional de Asunción), onde se formavam os Professores de Ensino Médio; incluindo a LÍNGUA GUARANI no terceiro curso da seção Letras. (OLIVERA, 2011, p. 86)⁴

Conforme Chiavenatto (1979), certamente, no ano de 1870, houve desprezo pelas línguas indígenas e pelo povo guarani por parte dos estrangeiros e da elite local existente naquela época. Essa pode ser uma das razões que motivaram o surgimento do movimento anticolonialista, pelo qual também os paraguaios se voltaram contra os membros da elite espanhola dominante. Os europeus oprimiram não apenas pela prática de *instruir* os indígenas, mas também pela barbárie recorrente da guerra (lutada pelos indígenas paraguaios, que eram também a classe operária e camponesa), o que levou à instabilidade política e à pobreza do Paraguai.

Várias vezes disse e sigo sustentando que o Guarani, lastimavelmente, esteve e ainda está identificado com a dura história do indígena e do paraguaio. Essa história tem em comum: submissão, opressão, dor e enfrentamentos. É por ele que, em mais de uma oportunidade, fez menção da palavra *batalha*. Ao Guarani nunca ninguém lhe presenteou nada. Tudo lhe custou sangue, suor e lágrimas; [...] (OLIVERA, 2011, p. 42)⁵

⁴ Tradução nossa. No original: La implementación de la Lengua Guarani como asignatura llegó a distintos niveles de la Educación Paraguaya, tanto en instituciones oficiales como privadas, así, en 1944 el Minsiteriod de Educación y Culto de la República del Paraguay, creaba la Escuela Superior de Humanidades (hoy facultad de filosofía de la Universidad Nacional de Asunción), donde se formaban los Profesores de Enseñanza Media o Secundaria; incluyéndose la LENGUA GUARANI en el tercer curso de la sección Letras. (OLIVERA, 2011, p. 86)

⁵ Tradução nossa. No original: Varias veces lo dije y sigo sosteniendo que el Guarani, lastimosamente, estuvo y aún está identificado con la dura historia del indígena y del paraguayo. Esa historia tiene en común: sometimiento, opresión, dolor y enfrentamientos. Es por ello que, en más de una oportunidad, hice mención a

Para o imperialismo dominante, era necessário que se apagassem a tradição e a identidade guaranis, pois representavam um ideal que fugia do tradicionalismo conservador e explorador europeu do século XIX. De acordo com Chiavenatto (1979), uma vez que a aliança para dominação e exploração econômica do Paraguai não iria ocorrer pacificamente, recorreu-se à guerra por meio da união dos interesses europeus com os países latino-americanos vizinhos (Tríplice Aliança), que resultou na dizimação do povo guarani, de sua língua e de sua cultura, e, por conseguinte, no fortalecimento da dominação espanhola no país e na supremacia das variedades culturais existentes atualmente no Paraguai – o que pode ser entendido como apagamento histórico do guarani (povo e língua) e como desconstrução de um ideal de nação.

Em suma, a cultura europeia foi imposta sobre a América de modo geral, por ser um modelo colonizador ideal a ser seguido. No Paraguai, de modo específico, o povo guarani buscou se proteger dessa dominação por meio de um isolamento social e econômico (CHIAVENATTO, 1979) conflituoso para uma sociedade mestiça como a que resultou do processo de imigração espanhola para o Paraguai. É possível notar fatores que contribuíram para a extinção da cultura, dos costumes e da fala do guarani, decorrentes da Guerra do Paraguai. Além disso, ocorreu um isolamento entre as tribos, em função da guerra; a perda cultural também é consequência de fatores políticos, pois as tribos, por não terem uma representatividade na sociedade, isolaram-se ainda mais, ocorrendo, assim, o apagamento da língua indígena guarani.

Na seção seguinte, passaremos à apresentação da teoria da metáfora, pela qual serão conduzidas as análises dos modos de representação da língua guarani no contexto delimitado para este estudo e já apresentado.

4 Metáfora e categorização do mundo

4.1 A visão clássica – precursora

Aristóteles foi o precursor dos estudos sobre metáfora. Na tradição ocidental, ele parece ter sido quem primeiro aclarou o significado do que é metáfora, mantendo-a

la palabra *batalla*. Al Guarani nunca nadie le regaló nada. Todo le costó sangre, sudor y lágrimas; [...] (OLIVERA, 2011, p. 42)

relacionada aos campos da retórica e da poética. Pode-se considerar que as primeiras pesquisas ocorreram entre os séculos V-IV a.C., e elas davam conta de que, conforme a tradição filosófica, algumas expressões poderiam resultar em metáfora, pois as interpretações literais causavam contradições em determinados contextos léxicos.

De acordo com Ricoeur (2000), a retórica de Aristóteles engloba três campos: “[...] uma teoria da argumentação, que constitui seu eixo principal e fornece ao mesmo tempo o nó de sua articulação com a lógica [...], uma teoria da elocução e uma teoria da composição do discurso” (RICOEUR, 2000, p. 17-18). Nesse contexto de análise, como o terceiro campo teve grande desenvolvimento e destaque, a retórica se tornou limitada, sendo considerada por muitos uma disciplina superficial, pois acabou reduzida a uma de suas partes, dando ênfase para as figuras de linguagem, cujo estudo contribuiu para a compreensão dos modos de estruturação de sentido nas obras literárias.

A retórica é, sem dúvida, tão antiga quanto a filosofia; [...] ela é sua mais velha inimiga e sua mais antiga aliada. Sua mais velha inimiga: é sempre possível que a arte de “bem falar” libere-se do cuidado de “dizer a verdade”; a técnica fundada no conhecimento das causas que geram os efeitos da persuasão confere um poder formidável a quem a domine perfeitamente: o poder de dispor das palavras sem as coisas, e de dispor dos homens ao dispor das palavras. [...] Antes de tornar-se fútil, a retórica fora perigosa. Eis porque Platão a condenava: para ele a retórica é para a justiça – virtude política por excelência – o que a sofística é para a legislação; e as duas são, para a alma, o que são para o corpo, [...] isto é, artes de ilusão e de engano. [...] A metáfora também terá seus inimigos. [...] (RICOEUR, 2000, p. 19-20)

Ricoeur (2000) explica que a filosofia não quis apagar a retórica, e que ela não consegue por si só acabar com a relação entre o discurso e o poder, existindo uma dualidade da retórica e da poética no uso e nas situações do discurso. A poética é a arte de produzir poemas, não visando à persuasão e à eloquência: a poesia e a eloquência são distintas entre si. Na visão clássica filosófica, a metáfora está inclusa em cada uma dessas linhas, possuindo essa dualidade de função.

Por sua vez, essa dualidade de função na qual se exprime a diferença entre o mundo político da eloquência e o mundo poético da tragédia traduz uma diferença mais fundamental ainda no nível da intenção. Esta oposição é, em grande parte, dissimulada, porque a retórica, tal qual a conhecemos por meio dos últimos tratados modernos, foi amputada de sua maior parte, o tratado da argumentação. Aristóteles a define como a arte de inventar ou de encontrar provas. Ora, a poesia nada quer provar, seu projeto é mimético; entendamos por isso, como o diremos mais amplamente adiante, que seu alcance é compor uma representação essencial das ações humanas, seu modo próprio é dizer a verdade por meio da ficção, da fábula, do *mythos* trágico. A tríade *poiesis* – *mimesis* –

kátharsis descreve de maneira exclusiva o mundo da poesia, sem confusão possível com a tríade *retórica – prova – persuasão*. (RICOEUR, 2000, p. 23-24)

Conforme o autor, a metáfora na visão aristotélica possui alguns traços: 1) *ela acontece no nome*, pois está vinculada à palavra e não ao discurso; 2) a metáfora *é definida em termos de movimento*, ocorre uma transposição de termos, afetando o núcleo semântico de sentido; 3) *é a transposição de um nome que Aristóteles denomina estranho (allogrios)*⁶, quer dizer que designa outra coisa. Ela é “[...] constituída por gêneros e por espécie, e por um jogo já regrado de relações: subordinação, coordenação, proporcionalidade ou igualdade de relações.” (RICOEUR, 2000, p. 38).

Somente a retórica de Aristóteles possui um elo entre metáfora e comparação; a comparação é usada para relacionar características ou ações de alguns elementos, assemelhando-se ao que se opera, mas não ao tema na metáfora, sendo a metáfora considerada, em sua maioria, como uma forma de linguagem com efeito de sentido e não como um produto da cognição humana, estruturador do pensamento – o que marca a visão clássica sobre metáfora.

Em suma, a partir do século XX, essa visão da metáfora (enquanto imitação e/ou figura de linguagem que serve à comparação eloquente) começa a ser questionada, rompendo com a tradição retórica aristotélica do séc. IV a.C. A guinada cognitiva permite uma perspectiva distinta diante da metáfora: seu uso não está mais somente na poética, mas sim nas bases do pensamento humano, no qual se dá a construção da razão, do sentido e do conhecimento (linguístico e enciclopédico) acerca do mundo. O rompimento com a visão clássica de metáfora dá espaço, então, para a visão cognitiva, que considera a metáfora essencial para a construção de novos sentidos, podendo inconscientemente influenciar no raciocínio e nos atos de seus falantes, expressando a cognição abstrata em termos simbólicos.

4.2 Teorias modernas de metáfora – a metáfora conceitual

A partir da década de 1970, ocorreu uma ruptura no mito objetivista da metáfora (as pessoas podem ser objetivas, porém só o conseguem se usam a linguagem de forma clara e precisa, sendo as sentenças verdadeiras ou falsas), que era vista até então como sem

⁶Para maiores detalhes, consultar: RICOEUR, Paul. *A metáfora viva* (trad. Dion Davi Macedo). São Paulo: Loyola, 2000. p. 33-36.

objetivos precisos, não possuindo um significado óbvio, sendo subjetiva e considerada como uma simples figura de linguagem. No novo paradigma, a metáfora é vista como racional, cognitiva, típica do pensamento e com um significado indeterminado.

[...] abrange todas as correntes da filosofia ocidental em que houve a hegemonia da razão e um medo do sentimento e da imaginação. Nesse contexto, a metáfora e outras espécies de linguagem figurada deveriam ser sempre evitadas quando se pretendesse falar objetivamente. (PAIVA, 1998, p. 15)

Conforme Uribe (2005), a metáfora é uma concepção de mundo, pertencendo aos esquemas conceituais que existem ou que serão criados: seu objetivo é formar um conjunto de objetos e relações ligando a metáfora diretamente com o produto que será projetado. Pode-se, assim, construir novos conceitos desconhecidos a partir dos conceitos conhecidos, adquirindo combinações e recombinações desses conhecimentos através dos processos de transposição, hibridização e outros, modificando o significado existente.

Lakoff e Johnson (1980) destacam que, em se tratando de um debate, defendemos um ponto de vista, pois temos uma estratégia definida a respeito do discurso que realizamos; projetamos os atos de fala, e nesses atos se interpretam os elementos metafóricos, ocorrendo assim à compreensão comunicativa da metáfora, pois há uma interiorização de sentidos que se ajustam às necessidades decorrentes da situação comunicativa; a metáfora não cria limites no campo semântico das palavras, mas sim realidades que não existiam até o momento, pois sempre há uma conexão entre um domínio e outro, podendo-se, assim, estudar os efeitos linguísticos sobre a cognição.

De acordo com Paiva (1998, p. 40-42), o pensamento é produzido a partir de relações interpessoais, pois operamos automaticamente na construção e na desconstrução da metáfora. De um lado existe o criador da metáfora com seu contexto cultural e de outro o receptor, com seus conhecimentos prévios e suas relações de mundo, cabe ao receptor perceber o sentido da metáfora e desconstruí-la nessa relação sociocultural, caso contrário, o receptor não compreenderá a ruptura existente no campo semântico do diálogo.

A partir das considerações de Lakoff e Johnson (1980), pode-se considerar que a língua faz parte de uma cultura social cognitiva, sendo a metáfora uma competência comunicativa da língua do indivíduo; esse domínio está ligado à cultura do indivíduo e suas relações sociais constroem a metáfora. Em suma, Moura (2005) aborda que, no aspecto cognitivo, a metáfora passou a ser um componente considerável no desenvolvimento de

sentido, criando e recriando afinidades no processo de comunicação e interações socioculturais.

4.3 A metáfora em acontecimento: modos de metaforizar

Em 1980, surge a *Teoria da Metáfora Conceitual*, de Lakoff e Johnson, segundo a qual a metáfora é vista como um objeto da ciência cognitiva, pois está inclusa na vida das pessoas e não somente na língua. Há vários modos de metaforizar e, tratando-se da teoria cognitiva de Lakoff e Johnson (1980), ocorre uma sobreposição de dois domínios, podendo-se dizer que existem duas imagens que se projetam uma sobre a outra, uma é o que queremos metaforizar e a outra é o que extraímos da metáfora.

O conceito de metáfora proposto pelos autores mostra que o indivíduo inconscientemente emprega variadas metáforas no seu dia a dia e poucos são os indivíduos que identificam esse acontecimento cognitivo. Os conceitos metafóricos nos proporcionam uma compreensão parcial da comunicação, por exemplo, “Nada como um bom chá de cadeira” (OLIVEIRA, 2006, p. 2771) deveria ser entendido como o ato de colocar uma cadeira dentro de uma panela com água fervente, porém, nossa vivência cultural nos mostra que a expressão “chá de cadeira” é entendida metaforicamente como o ato de ficar um longo tempo sentado, esperando por algo.

Conforme Lakoff e Johnson (1980), as *Metáforas Estruturais* possuem uma determinada complexidade. Para entender melhor essa complexidade, usamos o conceito *tempo* e a metáfora “*tempo é dinheiro*”, exemplificada por (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 44)⁷. Várias expressões surgem, como: “Aproveite seu tempo para investir nos estudos”; “Não desperdice tempo com isso.”; “Eu não tenho tempo para perder com idiotices.”. Os vocábulos: “investir, desperdice e perder” mantêm uma relação com o vocábulo *dinheiro*, isso faz com que o conceito *tempo* seja apresentado de modo mais estruturado. A metáfora conceitual reflete termos menos estruturados em termos mais estruturados (envolvendo os campos espacial, social e emocional).

Há dois tipos de domínios: o *domínio fonte* e o *domínio alvo*, que se inter-relacionam em múltiplos aspectos; domínio é o nome dado à área ou ao objeto do conhecimento; o *domínio fonte* é mais concreto e estruturado (pode-se comparar a vida humana e a vida de uma planta, entre outros), já o *domínio alvo* é mais abstrato (como, por

⁷Tradução nossa. No original: [...] EL TIEMPO ES DINERO [...] (LAKOFF E JOHNSON, 1980, p. 44)

exemplo, o tempo, a vida, o conhecimento etc.). O domínio mais abstrato necessita de estruturação para que se possa compreendê-lo. Há uma associação estrutural entre esses domínios, assim, elementos do *domínio alvo* (por exemplo, *tempo*, em *Tempo é dinheiro*) se correspondem com os elementos do *domínio fonte* (por exemplo, *dinheiro*, em *Tempo é dinheiro*): essas correspondências são chamadas de projeções.

A partir das considerações dos autores, pode-se representar algo abstrato através de algo concreto. Lakoff e Johnson (1980) abordam que a *Metáfora do Canal* mostra a linguagem sobre a própria linguagem, pois a ideia se associa com as palavras, por exemplo, as palavras e as sentenças são comparadas ao *canal*, pois os pensamentos e as ideias realizam uma comunicação facilitada para o indivíduo; a frase “Por favor, sente-se no lugar do suco de maçã”, exemplificada por (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 48)⁸, não teria sentido se não estivesse introduzida em um determinado contexto, por exemplo, esta frase foi proferida em um hotel, onde havia mesas com suco de laranja e uma mesa com suco de maçã. Quem a proferiu pediu para que o indivíduo sentasse-se à mesa em que estava o suco de maçã, criando assim um sentido na comunicação.

Há um grupo que se chama *Metáforas Orientacionais*, fazendo referência à orientação espacial do tipo: “para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, [...]” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 50)⁹, estabelecendo uma compreensão coerente de diversos fenômenos, como, por exemplo, “feliz é para cima”. O fato de o conceito feliz ser orientado para cima leva a expressões como “estou me sentindo para cima hoje”, como também se pode dizer “meu astral subiu”, entre outros, (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 51)¹⁰, sendo essas metáforas sistemáticas.

As *Metáforas Ontológicas* abordam os acontecimentos, as emoções e as ideias, e esse grupo é abstrato. Os termos “para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, [...]” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50)¹¹, são ricos para compreender os conceitos *Orientacionais*, porém a *Metáfora Ontológica* é para compreender os fenômenos físicos, as atividades, as emoções e as experiências. A partir da metáfora “A inflação é uma

⁸Tradução nossa. No original: [...] el asiento del zumo de manzana [...] (LAKOFF E JOHNSON, 1980, p.48)

⁹Tradução nossa. No original: [...] arriba – abajo, dentro – fuera, delante – detrás, [...] (LAKOFF E JOHNSON, 1980, p. 50)

¹⁰Tradução nossa. No original: Feliz es Arriba. [...] Me siento alto. Eso me levantó el ánimo. Se me levantó la moral. Estás saltando de gozo. [...] (LAKOFF E JOHNSON, 1980, p. 51)

¹¹Tradução nossa. No original: [...] arriba – abajo, dentro – fuera, delante – detrás, [...] (LAKOFF E JOHNSON, 1980, p. 50)

entidade”, pode-se interpretar as sentenças metafóricas “a inflação está baixando nosso nível de vida”, “terá que mudar a inflação”, “se tiver mais inflação não viveremos”, (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 64)¹²; nesses casos, empregam-se de maneira racional os acontecimentos. Essas metáforas ocorrem de forma naturalizada pelo falante, que pode nem perceber o momento em que as está usando ou mesmo nem identificá-las como ocorrências de metáfora, o que lhe proporciona uma nova experiência cotidiana mediada pela linguagem, mas sobretudo de ordem cognitiva.

Em suma, esses três grupos metafóricos estão interligados entre si, ressaltando a necessidade dos estudos sobre a metáfora nos diversos tipos de contexto, a fim de se alcançar cada vez mais o seu prestígio na linguagem cotidiana como modo de estruturação do pensamento. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual, a maioria de nossas atividades linguísticas se dá pela metáfora, e essas metáforas nos proporcionam uma nova realidade, uma nova experiência a partir do momento em que as usamos.

5 Apresentação, discussão e análise dos dados

Como já esclarecemos, os excertos que são analisados neste trabalho foram coletados das obras “Genocídio americano: A guerra do Paraguai”, de Júlio Chiavenatto (1979), e “Maldita Guerra”, de Francisco Doratioto (2002). Na primeira triagem, foram destacadas dessas obras todas as referências feitas pelos autores à língua, à cultura, à literatura e ao povo guarani. Em seguida, refinamos a seleção e isolamos apenas aquelas referências que tinham relação direta com a língua guarani ou que tivessem, pelo menos, uma referência mais genérica, que englobasse aspectos diversos da cultura guarani, entre eles o aspecto linguístico. Ao final desse processo, restaram 17 (dezessete) excertos, dos quais 8 (oito) serão analisados nesta seção. A relação completa consta nos Apêndices 1 e 2.

A *Teoria da Metáfora Conceitual*, de Lakoff e Johnson (1980), vê a metáfora como um objeto da ciência cognitiva, inclusa na vida das pessoas e não somente na língua. Há vários modos de se compreender a atividade de metaforizar e, tratando-se da teoria cognitiva de Lakoff e Johnson (1980), na produção da metáfora entende-se que ocorre uma sobreposição de dois domínios, podendo-se dizer que existem duas imagens que se

¹²Tradução nossa. No original: LA INFLACIÓN ES UNA ENTIDAD. La inflación está bajando nuestro nivel de vida. Si hay mucha más inflación no sobreviviremos. [...] (LAKOFF E JOHNSON, 1980, p. 64)

projetam uma sobre a outra, uma é o que queremos metaforizar e a outra é o que extraímos da metáfora.

Com essa definição em mente, passamos à discussão de um dos trechos que compõem o material de análise, no qual o discurso reportado aparece pela citação que Chiavenatto (1969) apresenta do que seria o discurso de um oficial inglês (Washburn) contra a identidade guarani:

Excerto 01

[...] O já citado e bastante conhecido Washburn, com a responsabilidade de representar no Plata o governo dos Estados Unidos, cultivava um particular ódio ao Paraguai: “Por sua torpeza e cegueira junto com outros pecados, o povo paraguaio merece o completo extermínio que o aguarda. O mundo terá justo motivo para congratular-se quando não houver nele uma só pessoa que fale o **endiabrado idioma guarani.**” (CHIAVENATTO, 1969, p. 132, grifo acrescentado).

Nesta primeira amostra, ocorre a *Metáfora Ontológica*; conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), as *Metáforas Ontológicas* representam um grupo metafórico mais abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. Este trecho reconstrói a língua guarani sob um juízo negativo, como sendo algo “ruim”, “endiabrado idioma guarani”. Essa construção metafórica explicita as emoções de ódio que são transmitidas no trecho. A sentença metafórica “O guarani é um idioma endiabrado” projeta sobre o domínio-alvo (o idioma guarani) a negatividade culturalmente associada ao domínio-fonte que lhe serve de referência para interpretação (o diabólico).

Conforme Chiavenatto (1979), no ano de 1870, houve desprezo pelas línguas indígenas e pelo povo guarani por parte dos estrangeiros e da elite local existente naquela época. Essa pode ser, segundo o autor, uma das razões que motivaram o surgimento do movimento anticolonialista, pelo qual também os paraguaios se voltaram contra os membros da elite espanhola dominante. Da perspectiva de Chiavenatto (1979), para o imperialismo dominante, era necessário que se apagassem a tradição e a identidade guaranis, pois representavam um ideal que fugia do tradicionalismo conservador e explorador europeu do século XIX.

Com essa orientação argumentativa em mente, o Excerto 01 reforça a visão pró-Paraguai que transpassa a obra de Chiavenatto, evidenciando-se o emprego da metáfora

orientado para a construção de uma visão de empatia com a causa guarani, já que o excerto identifica o discurso inglês como opressor. Essa conduta argumentativa é, sem dúvida, o esperado para o caso de discursos da história que reconstroem a Guerra do Paraguai como um relato de ataque à nação paraguaia. Nesse caso, nos arquivos da história (FOUCAULT, 1987), a referência à língua, que representa a nação guarani de modo indireto, pode ser entendida como um ataque à cultura e, por fim, ao povo guarani. Vejamos, em um novo trecho, como esses elementos reaparecem:

Excerto 02

Estes jornaizinhos, muito bem feitos e impressos, eram uma terrível arma de propaganda – de vez em quando surgia no Cabichui alguma coisa escrita em português e, propositalmente, os paraguaios deixavam que muitos números onde apareciam deboches aos chefes do Império, fossem capturados pelos soldados brasileiros. (CHIAVENATTO, 1969, p. 115, grifos acrescentados).

Na segunda amostra, acontece a *Metáfora Estrutural*; em concordância com a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.44), as *Metáforas Estruturais* representam um grupo metafórico mais complexo, envolvendo os campos espacial, social e emocional. Este trecho aborda o Jornal Cabichui, escrito em língua guarani, como sendo bem impresso e bem apresentado, a escrita do jornal está sob uma perspectiva positiva, pois é vista, conforme o jornal, como uma “arma” e como um “meio de luta”, além de exibir os combatentes paraguaios através da propaganda. Essa construção metafórica especifica as emoções e o campo social, pois através dela ocorre um envolvimento comunicativo coletivo em que se tomam posições acerca dos fatos. A sentença metafórica “Estes jornaizinhos, muito bem feitos e impressos, eram uma terrível arma de propaganda” projeta sobre o domínio-alvo (o jornal, representativo da língua guarani) características de instrumento de defesa e de combate estratégico, oriundas do domínio-fonte que lhe serve de referência para a interpretação (arma, universo bélico).

Segundo Chiavenatto (1979), a Guerra do Paraguai teve o objetivo único de destruir um povo sob qualquer pretexto, inclusive usando como pretexto a publicação do Jornal *Cabichui* com deboches em relação aos soldados dos outros países; no entanto, essa leitura está condicionada à visão que o próprio historiados lança sobre o *Cabichui*. Para compreender esse processo, pode-se lançar mão das reflexões de Foucault (1987), quando

discute que os indivíduos poderão apoderar-se de pertences de uma sociedade documental e fazer história por meio de suas posições construídas no momento em que se defrontam com esse material. Conforme Foucault (1987), é necessário que se considere, nas memórias da história, toda dispersão temporal dos discursos sobre ela, “[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente.” (FOUCAULT, 1987, p. 32).

No Excerto 02, há clareza no emprego da metáfora estrutural para a construção de uma visão de exaltação à nação guarani através de uma aparente ridicularização estratégica operada pela escrita do jornal *Cabichui*, que se tornou uma arma a favor do povo guarani, confirmando, assim, a visão pró-Paraguai que permeia na obra de Chiavenatto. Acompanhemos, a seguir, um terceiro caso.

Excerto 03

[...] Não é apenas o desenvolvimento industrial, a estabilidade política e uma estrutura social mais justa e que soa aos vizinhos como um perigoso exemplo, que provocam a guerra que destruiu o Paraguai. Porque, evidentemente, a **República Guarani está dentro de um contexto continental** que, por sua vez, é dirigido como um teatro de marionetes da metrópole inglesa. (CHIAVENATTO, 1969, p. 36, grifo acrescido).

Na terceira amostra, ocorre a *Metáfora Orientacional*; conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.51), as *Metáforas Orientacionais* representam um grupo metafórico sistemático. O trecho expõe a República Guarani dentro de um cenário extenso, incluindo nesta construção metafórica a língua guarani. A sentença metafórica “República Guarani está dentro de um contexto continental” projeta sobre o domínio-alvo (a nação guarani, que inclui a língua guarani) a localização denotada pelo domínio-fonte (parte/lado de dentro).

O Paraguai estaria dentro de um contexto que não evitaria a guerra, pois os países da Tríplice Aliança apropriaram-se de partes do território paraguaio e a Inglaterra teria conseguido bloquear o progresso de um país latino-americano economicamente livre (CHIAVENATTO, 1979), sendo assim, a língua guarani também seria dizimada, e em consequência da guerra à nação paraguaia.

No Excerto 03, ocorre a metáfora orientacional, pois essas metáforas estão baseadas em nossa experiência física e cultural, neste caso “dentro” envolve estar atuando em um

ambiente físico conforme uma determinada cultura, no fragmento citado acima, o país guarani está em um contexto continental, porém sua cultura e sua língua estão ao ponto de ser aniquiladas. Conforme Chiavenatto (1979), os interesses econômicos e financeiros europeus motivaram o conflito, em virtude de uma grande paralisação na economia da Inglaterra; Chiavenatto sustenta a tese de que a potência britânica teria formado politicamente a Tríplice Aliança, fomentado e financiado o ataque ao Paraguai. Argumentação similar a essa é a que segue no excerto 4:

Excerto 04

“Antes, porém, de se examinar **esse quadro asfixiante para a República Guarani**, é preciso conhecer a figura histórica mais caluniada e ofendida da história americana.” (CHIAVENATTO, 1969, p. 48, grifo acrescentado).

Na quarta amostra, há *Metáfora Estrutural*; segundo a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.44), as *Metáforas Estruturais* representam um grupo metafórico mais complexo, envolvendo os campos espacial, social e emocional. Nesta parte, o trecho exhibe a República Guarani em um quadro negativo, pois “asfixiante” é o modo de denotar uma República “reprimida” e “oprimida”. Essa construção metafórica especifica as emoções e o campo social, pois através dela se reconstrói linguisticamente aquilo que seria a visão de opressão de uma nação. A sentença metafórica “esse quadro asfixiante para a República Guarani” projeta sobre o domínio-alvo (a nação Guarani, que inclui a língua guarani) a limitação, a repressão e a aniquilação oriundas do domínio-fonte (situação de asfixia).

Segundo Chiavenatto (1979) os europeus oprimiram não apenas pela prática de *instruir* os indígenas, mas também pela barbárie recorrente da guerra (lutada pelos indígenas paraguaios, que eram também a classe operária e camponesa), o que levou à instabilidade política e à pobreza do Paraguai. O autor considera que o Brasil e a Argentina teriam sido manipulados pela Grã-Bretanha (maior potência econômica da época), uma vez que havia acentuado interesse inglês pelo algodão produzido nos campos paraguaios, a fim de que se abastecessem as indústrias têxteis da Inglaterra. Segundo o autor, esse abastecimento havia sido comprometido pela Guerra Civil Norte-americana, que interrompeu o fornecimento da matéria-prima pelos estadunidenses.

De acordo com esse argumento, no excerto 04, ocorre a metaforização no ponto em que “asfixiante” se refere a toda repressão que o Paraguai vinha sofrendo com os combates territoriais e estrutura o modo como o falante conceitualiza essa dominação política no contexto em que foi reconstruída como fato histórico. O Paraguai era uma potência econômica, sendo um país independente (ou seja, com vida). Para a Inglaterra, esse modelo de país não deveria ser seguido pelos países latino-americanos vizinhos, que seriam totalmente dependentes do império inglês e, por este motivo, os ingleses ficariam ao lado da Tríplice Aliança: a Inglaterra desejaria debilitar e eliminar (ou seja, asfixiar) um possível exemplo de êxito e autonomia na América Latina.

Nesses quatro primeiros trechos de análise, pode-se constatar como a representação metafórica foi empregada por Chiavenatto (1969) em uma construção argumentativa pró-Paraguai. A seguir, veremos como o percurso contrário se traçou na obra de Doratioto (2002). Este autor, no Excerto 5, ironiza o relato que o *Cabichuí* fez do líder político Solano López, indicando o controle do veículo de imprensa pelo líder paraguaio e a construção política de sua imagem pública manipulada – um reflexo do que seria uma ação ditadora, autoritária e opressora.

Excerto 05

[...] Em um país onde o que se escrevia nos jornais era apenas o que seu chefe de Estado desejava, o Cabichuí, em 1867, comparou o líder paraguaio a Moisés pois, assim como este tivera por missão libertar o povo hebreu do jugo egípcio, o marechal era “o caudilho destinado por Deus a **libertar o Povo Paraguai da prepotência de seus inimigos**”. (DORATIOTO, 2002, p. 314-315, grifo acrescido).

Na quinta amostra, ocorre a *Metáfora Ontológica*; de acordo com a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), como vimos, as *Metáforas Ontológicas* representam um grupo metafórico mais abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. O fragmento implica libertar o povo paraguaio de uma situação de opressão e que reflete em sua língua. Essa construção metafórica explicita os fenômenos físicos, pois a liberdade de um povo permite seu desenvolvimento econômico, social e político. A sentença metafórica “libertar o Povo Paraguai da prepotência de seus inimigos” projeta sobre o domínio-alvo (o povo

paraguaio, que inclui a língua guarani) a ideia de liberdade advinda do domínio-fonte (a prisão, o cárcere).

De acordo com Pinto (2011), também baseado em Foucault, a veracidade do real é tão discursivamente construída quanto à própria realidade, e isso certamente influi sobre a visão que temos da história. Doratioto (2002) acreditava que Solano López era um governante absolutista e que sacrificou a vida de muitas pessoas, desde militares até crianças paraguaias, movido exclusivamente por interesses políticos e pelas contradições platinas. O autor rejeita a suposta usurpação do imperialismo britânico sobre o Paraguai e defende que a Inglaterra almejava o desenvolvimento político do país guarani, inclusive, oficiais ingleses teriam negociado com o governo de Solano a livre navegação de embarcações inglesas. Na visão do historiador, a guerra ocorreu em um período em que ambos os países estavam em situação de acordo quanto a seus interesses.

Esse cenário é pano de fundo para que, como ocorre no excerto 05, a “libertação” do povo paraguaio no contexto da guerra seja tratada como algo operado pelo fantástico, por uma imagem distorcida de inimigo ou de tirania (libertar da prepotência). Há sentença metafórica, pois “libertar” o Povo Paraguai implica livrar a nação guarani, incluindo a sua língua, das supostas injustiças cometidas pela Tríplice Aliança, mas no trecho é o próprio ditador paraguaio Solano López que aparece como opressor e manipulador do veículo de imprensa, compondo a figura do cenário argumentativo pró-Tríplice Aliança.

Excerto 06

[...] Para Solano López, a possibilidade dessa aliança significava ampliar o peso, o cacife para barganha, de seu país ante Buenos Aires e, também, o Rio de Janeiro. Desse modo, o **país guarani se tornaria presença indispensável na solução dos problemas platinos** e assim seria visto pelos governos argentino e brasileiro. (DORATIOTO, 2002, p. 48, grifo acrescido).

Na sexta amostra acontece a *Metáfora Ontológica*; em concordância com a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.44), como já apresentamos, as *Metáforas Ontológicas* representam um grupo metafórico mais abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências.

A parte citada no Excerto 6 relata que o país guarani seria importante e proeminente politicamente, e essa importância inclui a língua. Essa construção metafórica aborda o um

fenômeno físico, pois transforma o país guarani em entidade. A sentença metafórica “país guarani se tornaria presença indispensável na solução dos problemas platinos” projeta sobre o domínio-alvo (país guarani, que inclui a língua guarani) a ideia de corpo físico, cuja presença implica solução dos problemas apontados, advinda do domínio-fonte (entidade).

Para Doratioto (2002), a Guerra do Paraguai foi um dos auges de ganhos da Europa, pois os europeus supriram as necessidades bélicas dos países da Tríplice Aliança, além de terem fornecido carvão e mantimentos para o Império do Brasil e para as tropas no geral. Mas os europeus não teriam sido os únicos a lucrar: a guerra também favoreceu a atividade pecuária na Argentina, impulsionou a produção de trigo e de milho, bem como enriqueceu uma parcela significativa de comerciantes do próprio continente americano.

No excerto 06, o país guarani se tornaria importante nesse contexto econômico, e por extensão sua língua, além de ser um dos elementos interessados em ocupar posição de destaque na solução dos problemas platinos. Isso implica assumir, metaforicamente, o Paraguai como uma entidade (que ocupa espaço e pode ter presença, portanto) envolvida na usurpação econômica que se produzia no contexto histórico da guerra. Diferentemente da perspectiva de Chiavenatto (1969), Doratioto (2002) esforça-se por caracterizar a nação guarani como um dos elementos capazes de lograr vantagens na circunstância do conflito armado e, nesse sentido, a metáfora estrutural apoia a materialização desse país como uma entidade da ordem dos elementos conscientes dos efeitos e das vantagens possíveis pela guerra. O trecho 7, diferentemente, abre uma ressalva a esse viés argumentativo:

Excerto 07

Ao retornar ao Paraguai e não conseguir mantimentos para sua tropa, esse major afirmou "que já **estavam de novo nessa nação "diaba"**, onde não se encontra o que comprar". (DORATIOTO, 2002, p. 198, grifo acrescido).

Na sétima amostra, ocorre novamente *Metáfora Ontológica*. Segundo a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), conforme já dissemos, as *Metáforas Ontológicas* representam um grupo metafórico mais abstrato, como a resignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. O trecho aborda uma “nação diaba”, sendo a língua guarani vista sob uma perspectiva negativa, pois é, conforme no trecho, “uma nação ruim de um povo diabólico”. Essa construção metafórica especifica as emoções e o campo social, pois através dela são estabelecidas

posições acerca do povo guarani. A sentença metafórica “estavam de novo nessa nação "diaba"” projeta sobre o domínio-alvo (a nação guarani, que inclui a língua guarani) a negatividade culturalmente associada ao domínio-fonte que lhe serve de referência para interpretação (o diabólico).

É possível notar nos relatos históricos a descrição de fatores que contribuíram para a extinção da cultura, dos costumes e da língua do guarani, decorrentes da Guerra do Paraguai. Além disso, teria ocorrido um isolamento entre as tribos, em função da guerra; a perda cultural também seria consequência de fatores políticos, pois as tribos, por não terem uma representatividade na sociedade, isolaram-se ainda mais, ocorrendo, assim, o apagamento da língua indígena guarani. Portanto, seria possível elencar fatores que contribuíram para a extinção da cultura, dos costumes e da fala do guarani, decorrentes da Guerra do Paraguai.

No excerto 07, a metáfora “nação diaba”, demonstra o estado desmantelado em que o país estava, com o isolamento entre as tribos já produzido, em função da guerra; em termos argumentativos, ao mesmo tempo em que aparece a visão pejorativa que se tinha do Paraguai no contexto da guerra (nação diaba), essa avaliação surge no discurso em que Doratioto (2002) parece recriar a imagem da escassez, da falta de recursos e de suprimentos básicos. Desse modo, a imagem diabólica da situação guarani naquele momento passa a ser menos decorrente da opressão sofrida pela guerra e pela destruição vinda de seus oponentes e mais decorrente da determinação guarani de permanecer em guerra, de lutar suas batalhas.

Excerto 08

[...] A combatividade dos soldados guaranis, porém, impôs respeito aos aliados, a ponto de o coronel Emilio Conesa escrever: "está claro, **os paraguaios defendem sua terra palmo a palmo**, não querem a liberdade que se lhes oferece [não há nenhuma deserção>". (DORATIOTO, 2002, p. 213, grifo acrescido).

Nesta oitava amostra ocorre a *Metáfora Estrutural*. Como caracteriza a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.44), as *Metáforas Estruturais* representam um grupo metafórico mais complexo, envolvendo os campos espacial, social e emocional. O excerto 8 aborda “a defesa de um território” que representa todo o contexto guarani, o que inclui o campo linguístico. Essa construção metafórica especifica o campo social e cultural. A sentença metafórica “os paraguaios defendem sua terra palmo a palmo”

projeta sobre o domínio-alvo (terra dos paraguaios, que inclui o campo linguístico, a língua guarani) a ideia de partição, cada pedaço, oriunda do domínio-fonte (“palmo a palmo”).

Nessa visão, os soldados guaranis teriam defendido sua terra, sua cultura, sua língua e suas origens até a última instância, causando preocupação aos inimigos, pois não desistiam de suas terras. A partição (palmo a palmo) é um modo de, pela parte, metaforizar sobre o todo, implica dizer que cada pedaço, cada aspecto, cada elemento da nação guarani estaria sob o escopo da luta de seus soldados, que não deixariam para trás nenhum desses elementos. Mais uma vez, esse modo de caracterizar o que teria sido a determinação e a motivação de bravura guarani lança sobre o próprio Paraguai a responsabilidade pelo desfecho da guerra, uma vez que soa como a recusa da liberdade pelos próprios combatentes guaranis que “não querem a liberdade que se lhes oferece”.

6 Considerações finais

A análise dos excertos selecionados indicou que ambos os materiais que sustentam discursos históricos sobre a Guerra do Paraguai lançam mão de recursos metafóricos para reconstruí-la enquanto fato histórico. Em ambas as obras, de Chiavenatto (1979) e de Doratioto (2002), são utilizadas metáforas que abordam a língua guarani de modo direto ou mesmo de modo indireto, como elemento constituinte do ideal de nação Guarani, de identidade ou de cultura paraguaias.

Em ambas as obras foi possível identificar, discutir e descrever a metaforicidade de representações da língua guarani sob a categorização de metáforas orientacionais, ontológicas e estruturais, nos termos em que essa classificação foi estabelecida no bojo da Teoria da Metáfora Conceitual, por Lakoff e Johnson (1980).

Por fim, destacamos que a orientação argumentativa presente nas obras que reconstroem a Guerra como fato histórico, como relato da história, transparece no modo de metaforizar sobre o fato narrado, ao apresentar os diferentes elementos que circundam o conflito armado. Nesse sentido, os excertos de 1 a 4 indicam metáforas com valores mais positivos associados à língua guarani; diferentemente, os excertos de 5 a 8 contêm metáforas cujos valores atribuídos ao elemento guarani são, em grande medida, depreciativos. Isso reflete a orientação argumentativa das obras, já que o primeiro bloco foi

extraído de Chiavenatto (1979), pró-Paraguai, e o segundo bloco de Doratioto (2002), pró-Tríplice Aliança.

REFERÊNCIAS

- ALCAINE, Palacio Azucena. **De Acá para Allá: Lenguas y Culturas Amerindias**. Madrid: Ivalca, 1999.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética** (trad. Pietro Nasseti). São Paulo: Martin Claret Ltda, 2006.
- AZEVEDO, Marta et. al. **Guarani Retã 2008: Povos Guarani na Fronteira Argentina, Brasil e Paraguai**. [S.l.: s.n.], 2008. 24 p. il.
- CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio americano: A guerra do Paraguai**. 10º ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- LAKOFF, George. & JOHNSON, Mark. **Metáforas de la vida cotidiana**. Madrid: Cátedra, 1980.
- MOURA, Heronides. **Metáfora e Regularidades Linguísticas**. *Linguística e Cognição* (Org. Neusa Miranda; Maria Name). Juiz de Fora, vol. 01, p. 109, 2005.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. **O domínio da língua castelhana sobre o guarani paraguaio**. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/10\(29\)09.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/10(29)09.htm)> Acesso em: 07 de agosto de 2016.
- OLIVERA, David Galeano. **El Idioma Y Cultura Guarani En Paraguay**. Asunción: Ateneo de lengua y cultura guarani, 2011.
- OLIVEIRA, Sila. **Metáfora e Cultura: Aspectos de tradução**. Florianópolis: UFSC. 2006. Disponível em: < http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_502.pdf> Acesso em: 23 de abril de 2017.
- PAIVA, Vera. **Metáforas do Cotidiano**. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1998.
- PINTO, Luciano. **A história como jogo: contribuições de Michel Foucault para o ensino da história**. *História & Ensino*, Londrina, v. 17, n. 1, p. 149-165, jan./jun. 2011.
- RICOEUR, Paul. **A metáfora viva** (trad. Dion Davi Macedo). São Paulo: Loyola, 2000.
- RODRIGUES, Aryon. 1985. **Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní**. *Revista de Antropologia* vols. 27/28, p. 233-253.
- _____. **Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.
- URIBE, Luz. **La metáfora como proceso cognitivo**. *Revista Forma y Función*. Bogotá. n.19, p.47-56. 2005. Disponível em: < http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0120-338X2006000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=es> Acesso em: 11 de abril de 2017.

ZUCOLILLO, Carolina María. **Língua, nação e nacionalismo: um estudo sobre o guarani no Paraguai**. 2000. 254 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

RESUMEN: Este artículo analiza los modos metafóricos de referenciar la lengua guaraní en las obras "Genocídio americano: A guerra do Paraguai", de Júlio Chiavenatto (1979), y "Maldita Guerra", de Francisco Doratioto (2002), equiparando los resultados de acuerdo con la fundamentación teórica de la Metáfora Conceptual de Lakoff y Johnson (1980). Siguiendo esa perspectiva, el referencial teórico destaca los elementos metafóricos que ocurren en la comprensión comunicativa de la metáfora. La metodología explora las relaciones empleadas por los autores en las referencias metafóricas seleccionadas para análisis, investigando los efectos de las representaciones metafóricas descritas en el contexto de narración de la Guerra del Paraguay como acontecimiento histórico. Ocurrieron 17 metáforas en las obras estudiadas, de las cuales 08 fueron analizadas a fondo. Los resultados indican la existencia de *Metáforas Estructurales*, *Ontológicas* y *Orientacionales* en los relatos históricos seleccionados.

PALABRAS CLAVE: Representación metafórica. Metáfora Conceptual. Representaciones de la lengua guaraní.

Apêndice 01: Atos de fala metafóricos que incluem a questão linguística extraídos da obra de Júlio Chiavenatto, “Genocídio americano: A guerra do Paraguai”.

Citações dos atos de fala metafóricos	Análise inicial da metáfora
<p>[...] O já citado e bastante conhecido Washburn, com a responsabilidade de representar no Plata o governo dos Estados Unidos, cultivava um particular ódio ao Paraguai: “Por sua torpeza e cegueira junto com outros pecados, o povo paraguaio merece o completo extermínio que o aguarda. O mundo terá justo motivo para congratular-se quando não houver nele uma só pessoa que fale o endiabrado idioma guarani.” (CHIAVENATTO, 1969, p. 132, grifo acrescentado).</p>	<p>Ocorre a <i>Metáfora Ontológica</i>; o trecho reconstrói a língua guarani sob um juízo negativo, como sendo algo “ruim”, “endiabrado idioma guarani”. Essa construção metafórica explicita as emoções de ódio implícitas no trecho. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), as <i>Metáforas Ontológicas</i> representam um grupo metafórico mais abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. A sentença metafórica “O guarani é um idioma endiabrado” projeta sobre o domínio-alvo (o idioma guarani) a negatividade culturalmente associada ao domínio-fonte que lhe serve de referência para interpretação (o diabólico).</p>
<p>Estes jornaizinhos, muito bem feitos e impressos, eram uma terrível arma de propaganda – de vez em quando surgia no Cabichui alguma coisa escrita em português e, propositalmente, os paraguaios deixavam que muitos números onde apareciam deboches aos chefes do Império, fossem capturados pelos soldados brasileiros. (CHIAVENATTO, 1969, p. 115, grifos acrescentados).</p>	<p>Acontece a <i>Metáfora Estrutural</i>; o trecho aborda o Jornal Cabichui como sendo bem impresso e bem apresentado, em língua guarani, que está sob uma perspectiva positiva, pois é vista, conforme o jornal, como uma “arma” e como um “meio de luta”, pois exhibe os combatentes paraguaio através da propaganda. Essa construção metafórica especifica as emoções e o campo social, pois através dela ocorre um envolvimento comunicativo coletivo em que se tomam posições acerca dos fatos. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.44), as <i>Metáforas Estruturais</i> representam um grupo metafórico mais complexo, envolvendo os campos espacial, social e emocional. A sentença metafórica “Estes jornaizinhos, muito bem feitos e impressos, eram uma terrível arma de propaganda” projeta sobre o domínio-alvo (o jornal, representativo da língua guarani) características de instrumento de defesa e de</p>

	<p>combate estratégico, oriundas do domínio-fonte que lhe serve de referência para a interpretação (arma, universo bélico).</p>
<p>[...] – basta folhear a coleção do Cabichui para constatar o senso crítico dos soldados paraguaios, a sua excepcional informação sobre o inimigo e o bom nível dos textos – apesar de em algumas vezes o Cabichui usar gíria e apelar duro para os xingamentos. (CHIAVENATTO, 1969, p. 116, grifo acrescentado).</p>	<p>Traz a <i>Metáfora Estrutural</i>; o trecho aborda “o nível bom dos textos” do jornal guarani Cabichui, a língua guarani está sob uma perspectiva positiva, como “boa” e “adequada”, pois expõe o adversário através da crítica dos soldados paraguaios em relação ao inimigo e a crítica está produzida em língua guarani. Essa construção metafórica especifica as emoções e o campo social, pois através dela ocorre um envolvimento comunicativo coletivo em que se tomam posições acerca dos fatos. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.44), as <i>Metáforas Estruturais</i> representam um grupo metafórico mais complexo, envolvendo os campos espacial, social e emocional. A sentença metafórica “o bom nível dos textos” projeta sobre o domínio-alvo (os textos em língua guarani) um sistema de medição de qualidade oriundo do domínio-fonte mais concreto, que lhe serve de referência para a interpretação (o nível ou a capacidade de nivelamento).</p>
<p>É mais fácil afirmar-se, por exemplo, que Francia era um anticlerical fanático porque disse: “Se o Papa viesse ao Paraguai eu o faria simplesmente meu capelão” – do que procurar as raízes históricas dessa afirmação, que estão, certamente, na luta contra um elemento de dominação e alienação do povo paraguaio: a influência católico-romana, “domesticando” os índios guaranis, a princípio em favor da Espanha e, posteriormente, em seu próprio benefício explorando sua produção. (CHIAVENATTO, 1969, p. 24, grifo acrescido).</p>	<p>Há <i>Metáfora Ontológica</i>; o fragmento faz a denúncia de um juízo histórico que trata os índios guaranis sob uma avaliação negativa, como sendo “selvagens” e “primitivos”, incluindo a língua neste contexto. Essa construção metafórica apresenta as emoções de repúdio no fragmento. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), as <i>Metáforas Ontológicas</i> representam um grupo metafórico mais abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. A sentença metafórica “domesticando os índios guaranis” projeta sobre o domínio-alvo (os índios guaranis, que também representam a língua guarani)</p>

	características animais, associando a negatividade cultural atribuída ao domínio-fonte (domesticar, como a um animal irracional, o “arcaico, selvagem e primitivo” índio guarani).
<p>“As origens da Guerra do Paraguai, que germinavam desde o início do século, começam a tomar contornos nítidos na medida em que o povo guarani consegue consolidar seu progresso.” (CHIAVENATTO, 1969, p. 34, grifo acrescentado).</p>	<p>Apresenta a <i>Metáfora Ontológica</i>; a passagem refere-se ao progresso do povo guarani, sob um olhar positivo, como sendo algo “próspero”, “desenvolvido” e “civilizado”. Essa construção metafórica explicita as emoções de orgulho e de positividade explícitas no trecho. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), as <i>Metáforas Ontológicas</i> representam um grupo metafórico mais abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. A sentença metafórica “o povo guarani consegue consolidar seu progresso” projeta positivamente sobre o domínio-alvo (povo guarani, representativo da língua guarani) características de desenvolvimento e de valorização social relativas ao domínio-fonte (progresso econômico).</p>
<p>[...] Não é apenas o desenvolvimento industrial, a estabilidade política e uma estrutura social mais justa e que soa aos vizinhos como um perigoso exemplo, que provocam a guerra que destruiu o Paraguai. Porque, evidentemente, a República Guarani está dentro de um contexto continental que, por sua vez, é dirigido como um teatro de marionetes da metrópole inglesa. (CHIAVENATTO, 1969, p. 36, grifo acrescentado).</p>	<p>Ocorre a <i>Metáfora Orientacional</i>; o trecho expõe a República Guarani dentro de um cenário extenso, incluindo nesta construção metafórica a língua guarani. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.51), as <i>Metáforas Orientacionais</i> representam um grupo metafórico sistemático. A sentença metafórica “República Guarani está dentro de um contexto continental” projeta sobre o domínio-alvo (a nação guarani, que inclui a língua guarani) a localização denotada pelo domínio-fonte (parte/lado de dentro).</p>
<p>“Antes, porém, de se examinar esse quadro asfixiante para a República Guarani, é</p>	<p>Traz <i>Metáfora Estrutural</i>; esta parte do trecho mostra a República Guarani em um</p>

<p>preciso conhecer a figura histórica mais caluniada e ofendida da história americana.” (CHIAVENATTO, 1969, p. 48, grifo acrescentado).</p>	<p>quadro negativo, pois “asfixiante” é como sendo uma República “reprimida” e “oprimida”. Essa construção metafórica especifica as emoções e o campo social, pois através dela ocorre um envolvimento comunicativo coletivo em que se tomam posições acerca dos fatos. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.44), as <i>Metáforas Estruturais</i> representam um grupo metafórico mais complexo, envolvendo os campos espacial, social e emocional. A sentença metafórica “esse quadro asfixiante para a República Guarani” projeta sobre o domínio-alvo (a nação Guarani, que inclui o idioma guarani) a limitação, a repressão e a aniquilação oriundas do domínio-fonte (situação de asfixia).</p>
<p>“É providencial que um tirano tenha feito morrer a todo esse povo guarani. Era preciso purgar a terra de toda essa excrescência humana.” (CHIAVENATTO, 1969, p. 70, grifo acrescido).</p>	<p>Sucede a <i>Metáfora Ontológica</i>; o trecho refere-se ao povo guarani como extinto, sendo “eliminado” e “subtraído”. Essa metáfora trata da exclusão de um povo incluindo a sua língua. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), as <i>Metáforas Ontológicas</i> representam um grupo metafórico mais abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. A sentença metafórica “É providencial que um tirano tenha feito morrer a todo esse povo guarani.” projeta sobre o domínio-alvo (o povo guarani, que inclui a língua guarani) e ideia de extermínio do domínio-fonte (a morte de sua totalidade, a eliminação de um povo).</p>
<p>“Os crimes dessa guerra, que por si só já era um crime, continuaram até o fim – até o extermínio da nação guarani, no assassinato de Francisco Solano López.” (CHIAVENATTO, 1969, p. 141, grifo acrescido).</p>	<p>Aborda a <i>Metáfora Ontológica</i>; o trecho refere-se a anulação de uma nação, sendo “abolida” e “subtraída”. Essa metáfora trata da exclusão de um povo incluindo a sua língua. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), as <i>Metáforas Ontológicas</i> representam um grupo metafórico mais</p>

	<p>abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. A sentença metafórica “o extermínio da nação guarani” projeta sobre o domínio-alvo (a nação, que inclui a língua guarani) a extinção oriunda do domínio-fonte (o extermínio de uma nação/de um povo).</p>
--	--

Apêndice 02: Atos de fala metafóricos que incluem a questão linguística extraídos da obra de Francisco Doratioto, “Maldita Guerra”.

Citações dos atos de fala metafóricos	Análise inicial da metáfora
<p>[...] Em um país onde o que se escrevia nos jornais era apenas o que seu chefe de Estado desejava, o Cabichuí, em 1867, comparou o líder paraguaio a Moisés pois, assim como este tivera por missão libertar o povo hebreu do jugo egípcio, o marechal era “o caudilho destinado por Deus a libertar o Povo Paraguaio da prepotência de seus inimigos”. (DORATIOTO, 2002, p. 314-315, grifo acrescido).</p>	<p>Ocorre a <i>Metáfora Ontológica</i>; o fragmento implica libertar o povo paraguaio de uma situação de opressão, o que tem reflexos em sua língua. Essa construção metafórica explicita os fenômenos físicos, pois a liberdade de um povo permite seu desenvolvimento econômico, social e político. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), as <i>Metáforas Ontológicas</i> representam um grupo metafórico mais abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. A sentença metafórica “libertar o Povo Paraguaio da prepotência de seus inimigos” projeta sobre o domínio-alvo (o povo paraguaio, que inclui a língua guarani) a ideia de liberdade advinda do domínio-fonte (a prisão, o cárcere).</p>
<p>O presidente López temia, no início, que a argentina pudesse atentar contra a independência guarani e, mais tarde, um conflito também com o Império, em decorrência das questões fluviais. (DORATIOTO, 2002, p. 35, grifo acrescentado).</p>	<p>Acontece a <i>Metáfora Ontológica</i>; o trecho aborda “a soberania do povo guarani”. Essa construção metafórica especifica o fenômeno físico e o campo das experiências, pois através dela ocorre um envolvimento coletivo acerca dos fatos. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), as <i>Metáforas Ontológicas</i> representam um grupo metafórico mais abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. A sentença metafórica “atentar contra a independência guarani” projeta sobre o domínio-alvo (o povo guarani, que inclui a língua guarani) a ameaça advinda do domínio-fonte (privação de liberdades e de soberania) que lhe serve de referência para a interpretação.</p>
<p>[...] Para Solano López, a possibilidade dessa aliança significava ampliar o peso, o</p>	<p>Acontece a <i>Metáfora Estrutural</i>; a parte citada relata que o país guarani é importante</p>

<p>cacife para barganha, de seu país ante Buenos Aires e, também, o Rio de Janeiro. Desse modo, o país guarani se tornaria presença indispensável na solução dos problemas platinos e assim seria visto pelos governos argentino e brasileiro. (DORATIOTO, 2002, p. 48, grifo acrescido).</p>	<p>e proeminente politicamente, e essa importância inclui a língua. Essa construção metafórica aborda o campo social, pois através dessa construção se expressa a possibilidade de solução dos problemas políticos platinos. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.44), as <i>Metáforas Estruturais</i> representam um grupo metafórico mais complexo, envolvendo os campos espacial, social e emocional. A sentença metafórica “país guarani se tornaria presença indispensável na solução dos problemas platinos” projeta sobre o domínio-alvo (país guarani, que inclui a língua guarani) a ideia de corpo físico, cuja presença implica solução dos problemas apontados, advinda do domínio-fonte (corpo físico).</p>
<p>Ao retornar ao Paraguai e não conseguir mantimentos para sua tropa, esse major afirmou "que já estavam de novo nessa nação "diaba", onde não se encontra o que comprar". (DORATIOTO, 2002, p. 198, grifo acrescido).</p>	<p>Ocorre a <i>Metáfora Ontológica</i>; o trecho aborda uma “nação diaba”, sendo a língua guarani vista sob uma perspectiva negativa, pois é, conforme no trecho, “uma nação ruim e um povo diabólico”. Essa construção metafórica especifica as emoções e o campo social, pois através dela são estabelecidas posições acerca do povo guarani. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), as <i>Metáforas Ontológicas</i> representam um grupo metafórico mais abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. A sentença metafórica “estavam de novo nessa nação "diaba"” projeta sobre o domínio-alvo (a nação guarani, que inclui a língua guarani) a negatividade culturalmente associada ao domínio-fonte que lhe serve de referência para interpretação (o diabólico).</p>
<p>[...] A combatividade dos soldados guaranis, porém, impôs respeito aos aliados, a ponto</p>	<p>Traz a <i>Metáfora Estrutural</i>; aborda “a defesa de um território” que representa todo</p>

<p>de o coronel Emilio Conesa escrever: "está claro, os paraguaios defendem sua terra palmo a palmo, não querem a liberdade que se lhes oferece [não há] nenhuma deserção". (DORATIOTO, 2002, p. 213, grifo acrescido).</p>	<p>o contexto guarani, que inclui o campo linguístico. Essa construção metafórica especifica o campo social e cultural. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.44), as <i>Metáforas Estruturais</i> representam um grupo metafórico mais complexo, envolvendo os campos espacial, social e emocional. A sentença metafórica “os paraguaios defendem sua terra palmo a palmo” projeta sobre o domínio-alvo (terra dos paraguaios, que inclui o campo linguístico, a língua guarani) a ideia de partição, cada pedaço, oriunda do domínio-fonte (“palmo a palmo”).</p>
<p>[...] Essas bases eram: o governo paraguaio aceitaria, em acordo preliminar e secreto, as condições que os aliados estivessem dispostos a oferecer; a independência e a integridade territorial guarani seriam reconhecidas formalmente; as questões de limites seriam resolvidas em acordo posterior ou seriam submetidas à arbitragem de governo neutro; as tropas paraguaias e aliadas se retirariam dos territórios inimigos que ocupavam; [...] (DORATIOTO, 2002, p. 260, grifo acrescido).</p>	<p>Traz a <i>Metáfora Ontológica</i>; aborda “a independência e a integridade de um território”, nesse contexto inclui o campo linguístico. Essa construção metafórica especifica o campo social, pois através dela ocorre um envolvimento de autonomia de um território. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), as <i>Metáforas Ontológicas</i> representam um grupo metafórico mais abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. A sentença metafórica “a independência e a integridade territorial guarani seriam reconhecidas formalmente” projeta sobre o domínio-alvo (o território guarani, que é também o território do campo linguístico guarani) a emancipação advinda do domínio-fonte (independência e soberania) que lhe serve de referência para a interpretação.</p>
<p>A assinatura dos tratados definitivos de paz, a definição das fronteiras, a fixação da dívida de guerra paraguaia e os compromissos para garantir a independência guarani ao longo prazo eram objetivos do governo brasileiro que</p>	<p>Apresenta a <i>Metáfora Ontológica</i>; aborda “a independência do território guarani”, nesse contexto inclui o campo linguístico. Essa construção metafórica especifica o campo social, pois através dela ocorre um envolvimento de autonomia de um</p>

<p>teriam que esperar circunstâncias mais favoráveis para serem alcançados. (DORATIOTO, 2002, p. 426, grifo acrescido).</p>	<p>território. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), as <i>Metáforas Ontológicas</i> representam um grupo metafórico mais abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. A sentença metafórica “garantir a independência guarani” projeta sobre o domínio-alvo (a nação guarani, que inclui a língua guarani) a emancipação advinda do domínio-fonte (independência e soberania) que lhe serve de referência para a interpretação.</p>
<p>Contudo, o Paraguai continuou a merecer a atenção do Rio de Janeiro, que pode ser classificada como preventiva, e visava sobretudo não a objetivos bilaterais, mas, sim, a manter-se alerta quanto a uma possível influência da Argentina que eventualmente ameaçasse a independência guarani. (DORATIOTO, 2002, p. 470, grifo acrescido).</p>	<p>Apresenta <i>Metáfora Ontológica</i>; aborda “a ameaça da independência do território guarani”, nesse contexto inclui a ameaça do campo linguístico. Essa construção metafórica especifica o campo social, pois através dela ocorre um envolvimento de autonomia de um território. Conforme a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.50), as <i>Metáforas Ontológicas</i> representam um grupo metafórico mais abstrato, como a ressignificação de fenômenos físicos, de atividades, de emoções e de experiências. A sentença metafórica “influência da Argentina que eventualmente ameaçasse a independência guarani” projeta sobre o domínio-alvo (a nação guarani, que inclui a língua guarani) a emancipação advinda do domínio-fonte (independência e soberania) que lhe serve de referência para a interpretação.</p>

ANEXOS

Anexo 1

Trechos com metáforas encontradas na obra de Júlio Chiavenatto, “Genocídio americano: A guerra do Paraguai”.

Trecho 1.1

[...] O já citado e bastante conhecido Washburn, com a responsabilidade de representar no Plata o governo dos Estados Unidos, cultivava um particular ódio ao Paraguai: “Por sua torpeza e cegueira junto com outros pecados, o povo paraguaio merece o completo extermínio que o aguarda. O mundo terá justo motivo para congratular-se quando não houver nele uma só pessoa que fale o **endiabrado idioma guarani**.” (CHIAVENATTO, 1969, p. 132, grifo acrescentado)

Trecho 1.2

Estes jornaizinhos, muito bem feitos e impressos, eram uma terrível arma de propaganda – de vez em quando surgia no Cabichui alguma coisa escrita em português e, propositalmente, os paraguaios deixavam que muitos números onde apareciam deboches aos chefes do Império, fossem capturados pelos soldados brasileiros. (CHIAVENATTO, 1969, p. 115, grifos acrescentados)

Trecho 1.3

[...] – basta folhear a coleção do Cabichui para constatar o senso crítico dos soldados paraguaios, a sua excepcional informação sobre o inimigo e **o bom nível dos textos** – apesar de em algumas vezes o Cabichui usar gíria e apelar duro para os xingamentos. (CHIAVENATTO, 1969, p. 116, grifo acrescentado)

Trecho 1.4

É mais fácil afirmar-se por exemplo, que Francia era um anticlerical fanático porque disse: “Se o Papa viesse ao Paraguai eu o faria simplesmente meu capelão” – do que procurar as raízes históricas dessa afirmação, que estão, certamente, na luta contra um elemento de dominação e alienação do povo paraguaio: a influência católico-romana, **“domesticando” os índios guaranis**, a princípio em favor da Espanha e, posteriormente, em seu próprio benefício explorando sua produção. (CHIAVENATTO, 1969, p. 24, grifo acrescentado).

Trecho 1.5

“As origens da Guerra do Paraguai, que germinavam desde o início do século, começam a tomar contornos nítidos na medida em que **o povo guarani consegue consolidar seu progresso**.” (CHIAVENATTO, 1969, p. 34, grifo acrescentado)

Trecho 1.6

[...] Não é apenas o desenvolvimento industrial, a estabilidade política e uma estrutura social mais justa e que soa aos vizinhos como um perigoso exemplo, que provocam a guerra que destruiu o Paraguai. Porque, evidentemente, a **República Guarani está dentro de um contexto continental** que, por sua vez, é dirigido como um teatro de marionetes da metrópole inglesa. (CHIAVENATTO, 1969, p. 36, grifo acrescido)

Trecho 1.7

“Antes, porém, de se examinar **esse quadro asfixiante para a República Guarani**, é preciso conhecer a figura histórica mais caluniada e ofendida da história americana.” (CHIAVENATTO, 1969, p. 48, grifo acrescentado).

Trecho 1.8

“**É providencial que um tirano tenha feito morrer a todo esse povo guarani**. Era preciso purgar a terra de toda essa excrescência humana.” (CHIAVENATTO, 1969, p. 70, grifo acrescido)

Trecho 1.9

“Os crimes dessa guerra, que por si só já era um crime, continuaram até o fim – até o **extermínio da nação guarani**, no assassinato de Francisco Solano López.” (CHIAVENATTO, 1969, p. 141, grifo acrescido)

Anexo 1.1

Trechos sem metáforas referentes à língua guarani encontradas na obra de Júlio Chiavenatto, “Genocídio americano: A guerra do Paraguai”.

Trecho 1.1.1

“Não sei porque se manda fazer tal serviço; no Paraguai só se fala o espanhol e o guarani, não nos aproveitando em nada, esse material em língua estrangeira.” (CHIAVENATTO, 1969, p. 180)

Trecho 1.1.2

Dessa forma os paraguaios conseguiram fabricar papel a partir do “caragatá” – uma polpa fibrosa, que se colocava na água (onde ela “fermentava” com ácidos de laranjas) e se amassava até formar uma massa que se espichava depois, transformando-a em lâminas de papel. O *Cacique Lambaré* e o *Cabichui* tiveram muitas edições impressas nesse papel. (CHIAVENATTO, 1969, p. 115)

Trecho 1.1.3

Os soldados tiveram jornais feitos por eles próprios. Três deles circularam com grande sucesso entre a tropa, todos satíricos e fartamente ilustrados com gravuras talhadas em madeira. Eram El Centinela, *Cacique Lambaré* (totalmente escrito em guarani) e principalmente o *Cabichui* (abelha em português; cabichui em guarani). Esses jornais animavam a tropa, faziam sátiras sobre as forças da Tríplice Aliança e apresentavam versos e artigos escritos por soldados. São de valor excepcional seus desenhos, todos feitos por soldados, talhando a madeira para impressão. Esses jornais, especialmente o *Cabichui*, eram impressos na própria linha de frente. (CHIAVENATTO, 1969, p. 114)

Trecho 1.1.4

E que tipo de povo é este? É um povo que se dedica única e exclusivamente ao trabalho. Que aceita as normas de El Supremo e enche os depósitos do Estado daquilo que produz. Dedicado exclusivamente ao trabalho, vigiado pessoalmente por El Supremo com leis rigorosas, encontra uma desconhecida forma de liberdade. A liberdade de não ser perseguido por oligarquias improdutivas. A liberdade de não precisar mais curvar-se aos preconceitos dos jesuítas. (CHIAVENATTO, 1969, p. 22)

Trecho 1.1.5

[...] – que chegou a afirmar que Francisco Solano López (sempre apresentado como um bárbaro) fez a guerra por vingança aos jornais de Buenos Aires que o criticavam ou quando o mesmo autor diz que a guerra foi feita porque o presidente da República Guarani “tinha a idéia de que somente por meio de uma guerra poderia o Paraguai tornar-se conhecido.” (CHIAVENATTO, 1969, p. 69)

Trecho 1.1.6

Um exército que estoicamente enfrenta um inimigo absurdamente superior em número e força material e só se derrota na destruição total: não se rende. Nem mesmo quando ao final, seus soldados são *crianças de seis a nove anos, os mártires de Acosta Ñu*. (CHIAVENATTO, 1969, p. 113)

Trecho 1.1.7

Durante a guerra, todos os atos de selvageria eram imputados a Francisco Solano López: informa-se do “humanitarismo” dos aliados no trato aos prisioneiros paraguaios e da criminosa conduta dos guaranis contra os soldados da Tríplice Aliança. (CHIAVENATTO, 1969, p. 133)

Trecho 1.1.8

O “cepo boliviano”, por exemplo, também conhecido no Paraguai como “cepo uruguayana” – uma espécie de “pau-de-arara” – largamente usado pelos argentinos e

uruguaios (uma das vítimas foi Lopacher que o narra detalhadamente), como forma de tortura de prisioneiros, é apresentado como uma “invenção” guarani. (CHIAVENATTO, 1969, p. 135)

Anexo 2

Trechos com metáforas encontradas na obra de Francisco Doratioto, “Maldita Guerra”.

Trecho 2.1

[...] Em um país onde o que se escrevia nos jornais era apenas o que seu chefe de Estado desejava, o Cabichuí, em 1867, comparou o líder paraguaio a Moisés pois, assim como este tivera por missão libertar o povo hebreu do jugo egípcio, o marechal era “o caudilho destinado por Deus a **libertar o Povo Paraguaio da prepotência de seus inimigos**”. (DORATIOTO, 2002, p. 314-315, grifo acrescido)

Trecho 2.2

O presidente López temia, no início, que a argentina pudesse **atentar contra a independência guarani** e, mais tarde, um conflito também com o Império, em decorrência das questões fluviais. (DORATIOTO, 2002, p. 35, grifo acrescentado)

Trecho 2.3

[...] Para Solano López, a possibilidade dessa aliança significava ampliar o peso, o cacife para barganha, de seu país ante Buenos Aires e, também, o Rio de Janeiro. Desse modo, o **país guarani se tornaria presença indispensável na solução dos problemas platinos** e assim seria visto pelos governos argentino e brasileiro. (DORATIOTO, 2002, p. 48, grifo acrescido)

Trecho 2.4

O país guarani gozava de uma magnífica posição geográfica defensiva, pois, isolado no interior do continente, somente poderia ser atacado por forças brasileiras em pontos defensáveis: pelo rio Paraguai, sob o controle da fortaleza de Humaitá, e a sudoeste. (DORATIOTO, 2002, p. 78, grifo acrescido)

Trecho 2.5

Segundo o parecer, pelo fato de o tratado de aliança reconhecer como argentina também a área de Misiones, a independência paraguaia estava ameaçada, pois o **país guarani sofreria um "abraço apertado" da Argentina**, com a qual seria fronteiro a leste e a oeste, além de já o ser ao sul. (DORATIOTO, 2002, p. 163, grifo acrescido)

Trecho 2.6

Ao retornar ao Paraguai e não conseguir mantimentos para sua tropa, esse major afirmou "que já **estavam de novo nessa nação "diaba"**, onde não se encontra o que comprar". (DORATIOTO, 2002, p. 198, grifo acrescido)

Trecho 2.7

[...] A combatividade dos soldados guaranis, porém, impôs respeito aos aliados, a ponto de o coronel Emilio Conesa escrever: "está claro, **os paraguaios defendem sua terra palmo a palmo**, não querem a liberdade que se lhes oferece [não há] nenhuma deserção". (DORATIOTO, 2002, p. 213, grifo acrescido)

Trecho 2.8

[...] Essas bases eram: o governo paraguaio aceitaria, em acordo preliminar e secreto, as condições que os aliados estivessem dispostos a oferecer; **a independência e a integridade territorial guarani seriam reconhecidas formalmente**; as questões de limites seriam resolvidas em acordo posterior ou seriam submetidas à arbitragem de governo neutro; as tropas paraguaias e aliadas se retirariam dos territórios inimigos que ocupavam; [...] (DORATIOTO, 2002, p. 260, grifo acrescido)

Trecho 2.9

A assinatura dos tratados definitivos de paz, a definição das fronteiras, a fixação da dívida de guerra paraguaia e os compromissos para **garantir a independência guarani** ao longo prazo eram objetivos do governo brasileiro que teriam que esperar circunstâncias mais favoráveis para serem alcançados. (DORATIOTO, 2002, p. 426, grifo acrescido)

Trecho 2.10

Contudo, o Paraguai continuou a merecer a atenção do Rio de Janeiro, que pode ser classificada como preventiva, e visava sobretudo não a objetivos bilaterais, mas, sim, a manter-se alerta quanto a uma possível **influência da Argentina que eventualmente ameaçasse a independência guarani**. (DORATIOTO, 2002, p. 470, grifo acrescido)

Anexo 2.1

Trechos sem metáforas referentes à língua guarani encontradas na obra de Francisco Doratioto, “Maldita Guerra”.

Trecho 2.1.1

Mitre não podia compor-se formalmente com o Império devido à reação interna que tal ato provocaria, quer entre os liberais autonomistas de Buenos Aires, quer em Entre Ríos e Corrientes, onde havia aversão ao Brasil e a população tinha mais afinidade cultural com o Paraguai, pois todos falavam o guarani, do que com Buenos Aires. O presidente argentino era, na verdade, simpático ao Brasil, elogiando o regime político brasileiro e chegando, mesmo, a censurar, o escritor chileno Benjamín Vicuña Mackenna, por este utilizar-se de "palavras ocas como as de 'Império Escravocrata'", pois, acrescentava, se a escravidão era um mal que existia na monarquia, nada se provava contra as instituições brasileiras. (DORATIOTO, 2002, p. 72)

Trecho 2.1.2

Após a morte de Solano López, na batalha de Cerro Corá, em março de 1870, e até fins do século XIX, não se questionava o ter sido ele um ditador que lançou seu país em guerra imprudente contra vizinhos mais poderosos. Ele era odiado pelos sobreviventes, conforme testemunhou um adolescente britânico. Robert Bontine Cunninghame Graham, que chegou ao Paraguai em 1871 e viajou pelo país durante um ano e meio, sem problemas de comunicação, pois falava o guarani. (DORATIOTO, 2002, p. 80)

Trecho 2.1.3

A missão de Berges era a de induzir os correntinos a aderirem à causa paraguaia. Solano López não queria Corrientes como território conquistado mas, sim, como aliado contra Buenos Aires, tendo em vista paraguaios e correntinos compartilharem a mesma língua – o guarani – e costumes. (DORATIOTO, 2002, p. 134)

Trecho 2.1.4

Ela era uma picada, de uns oito metros de extensão, aberta na mata do potreiro Piris, diante da trincheira paraguaia de Sauce. Ali, brasileiros, em grupos, de três soldados, se metiam em covas de 1,5 metro de fundo, a espreitar o inimigo que, por sua vez, também estava fortificado no meio da mata e com franco-atiradores camuflados nos galhos das árvores. A proximidade era tão grande que os soldados brasileiros escutavam os paraguaios conversarem, em voz baixa, em guarani. (DORATIOTO, 2002, p. 284-285)

Trecho 2.1.5

À população paraguaia foi dito que o resultado da ação militar fora a vitória de seus soldados. O jornal *El Centinela* afirmou que a Tríplice Aliança estava derrotada e que “o fim de nossos sacrifícios já aparece no horizonte”. (DORATIOTO, 2002, p. 313)

Trecho 2.1.6

Conforme avançada a guerra e, no plano concreto, existiam menos possibilidades de o Paraguai evitar uma derrota. Solano López era apontado crescentemente, pela propaganda oficial, sobretudo pelo jornal *Cabichuí*, quase como um super-homem, quando não uma semidivindade, capaz de superar sozinho a situação objetiva. Essa passagem do mundo real para o imaginário contribuiu para que do lado guarani não se parasse a guerra, ao mesmo tempo que aqueles à volta do marechal-presidente mistificado passassem a ser suspeitos de potencial traição, única maneira de explicar que a semidivindade estava sendo derrotada pelos aliados. (DORATIOTO, 2002, p. 341)

Trecho 2.1.7

Os tratados afirmados em Assunção, mais que um protetorado brasileiro sobre o país guarani, significavam “uma aliança dos vencedores com o vencido”, afirmou o tradicional defensor da amizade argentina para com o Império, o jornal *La Nación*, pertencente a Bartolomé Mitre. (DORATIOTO, 2002, p. 465)

Trecho 2.1.8

Ao ocultar o desastre da batalha de Tuiuti da população paraguaia, o jornal *El Semanario* noticiou que as armas guaranis conseguiram uma "esplendorosa vitória". (DORATIOTO, 2002, p. 224)

Trecho 2.1.9

O uso de escravos no Exército brasileiro foi tema dos redatores dos jornais paraguaios e do próprio Solano López. O jornal *Cabichuí* sempre se referiu às forças imperiais como os *macacos*, associando os soldados negros com a pretensa covardia dos brasileiros. Para o *Cabichuí*, dom Pedro II era “o grande macaco que ostenta sua autoridade de Rei” e, em charge publicada, três dias depois, via-se um soldado paraguaio que chicoteava “os covardes escravos”, ou seja, negros desenhados com traços de macacos. (DORATIOTO, 2002, p. 272)

Trecho 2.1.10

Na Inglaterra, Solano López entrou em contato com a Blyth & Co, à época uma das companhias mais avançadas do mundo em tecnologia. Por intermédio dessa companhia, o Paraguai passou a comprar armamento, a enviar jovens paraguaios para nela receberem treinamento, e ainda recrutou, entre 1850 e 1870, uns 250 técnicos europeus, dos quais duzentos ingleses, para modernizar o país. Destes, Willian K. Whytehead tornou-se engenheiro-chefe do Estado paraguaio e, no Exército guarani, Willian Stewart tornou-se cirurgião-chefe, e George Thompson, engenheiro-chefe. (DORATIOTO, 2002, p. 30)

Trecho 2.1.11

É fantasiosa a imagem construída por certo revisionismo histórico de que o Paraguai pré-1865 promoveu sua industrialização a partir “de dentro”, com seus próprios recursos, sem depender dos centros capitalistas, a ponto de supostamente tornar-se ameaça aos interesses da Inglaterra no Prata. Os projetos de infra-estrutura guarani foram atendidos por bens de capital ingleses e a maioria dos especialistas estrangeiros que os implementaram era britânica. (DORATIOTO, 2002, p. 30)

Trecho 2.1.12

Apesar do acordo assinado em 1856, as autoridades paraguaias continuaram a dificultar, por meio de regulamentos, a passagem de navios brasileiros que rumavam para Mato Grosso. Carlos López era dominado pela ideia de que, com a livre navegação, o Império fortaleceria militarmente essa província e ameaçaria seu país. O governo imperial, por sua vez, no final da década de 1850, não descartava a possibilidade de um conflito com o país guarani. (DORATIOTO, 2002, p. 33)

Trecho 2.1.13

Não se chegou a estabelecer uma aliança militar contra a República guarani, porque o enviado imperial não aceitou as pretensões argentinas quanto à definição de limites com esse país. (DORATIOTO, 2002, p. 34)

Trecho 2.1.14

À Confederação caberia, se o conflito se concretizasse, fornecer 6 mil homens, enquanto o Império acrescentaria mais 8 mil soldados, além de forças navais que realizariam o bloqueio fluvial do país guarani, atacariam as posições paraguaias e transportariam suprimentos e munições para as forças aliadas. (DORATIOTO, 2002, p. 34)

Trecho 2.1.15

O estado guarani era dono, em meados do século XIX, de quase 90% do território nacional e praticamente controlava as atividades econômicas, pois cerca de 80% do comércio interno e externo eram propriedade estatal. (DORATIOTO, 2002, p. 44)

Trecho 2.1.16

A nova postura paraguaia, de participar dos assuntos platinos, também levou à alteração nas relações que o país guarani mantinha com a Argentina. (DORATIOTO, 2002, p. 44)

Trecho 2.1.17

Para tratar com o Paraguai, o governo oriental, enviou a Assunção o político *blanco* Octávio Lápido. Suas instruções datam de março de 1863, anteriores, portanto, à invasão

do território oriental por Flores, ocorrida no mês seguinte, embora Lápido só chegasse à capital paraguaia em junho. O enviado oriental deveria convidar o governo guarani para uma aliança, sob o argumento de que apenas com a união dos dois países haverá um equilíbrio no Prata de modo a conter as ambições argentinas e brasileiras. (DORATIOTO, 2002, p. 47)

Trecho 2.1.18

Assim, Montevideú rompeu relações com o Império, e o ministro oriental no Paraguai, Vásquez Sagastume, entregou ao governo guarani cópia da nota de Saraiva com o *ultimatum*. (DORATIOTO, 2002, p. 59)

Trecho 2.1.19

Viana de Lima comunicou, em meados de setembro, que o Exército paraguaio já possuía 30 mil homens e que a Marinha guarani dispunha de onze vapores. (DORATIOTO, 2002, p. 61)

Trecho 2.1.20

A notícia de entrada das tropas brasileiras no Uruguai chegou a Assunção em 25 de outubro, na forma de rumor. O representante uruguaio solicitou, então, a Solano López o prometido auxílio ao governo de Aguirre, obtendo como resposta que isso não era possível por carecer a notícia de caráter oficial. A recusa foi interpretada pela Legação brasileira como demonstração da pouca vontade de Solano López de cumprir o compromisso de ajuda a Aguirre, devido ao isolamento paraguaio no Prata. Viana de Lima reafirmou não creer que o país guarani entrasse em guerra com o Brasil, embora Solano López e seus ministros "continuem a afirmar que o Paraguai em breve entrará em luta". (DORATIOTO, 2002, p. 66)

Trecho 2.1.21

Conforme Herken Krauer e Giménez de Herken, baseado em farta documentação diplomática britânica, a opinião pessoal dos diplomatas ingleses que tiveram que negociar com o governo paraguaio foi, em sua maioria, negativa, tanto quanto ao caráter político do país, como sobre suas potencialidades comerciais. Isso não impediu que esses representantes seguissem as instruções de seu governo com respeito ao Estado guarani, as quais consistiam, essencialmente, em impedir que Solano López utilizasse a Grã-Bretanha nas disputas com os países vizinhos, e ao mesmo tempo, em assegurar o livre acesso dos navios de bandeira britânica aos rios Paraná e Paraguai. Foi esse país europeu o que mais capitalizou com o auge econômico paraguaio do pré-guerra: os projetos de infra-estrutura guarani foram atendidos por bens de capital ingleses e os especialistas estrangeiros que os implementaram eram, em sua maioria britânicos. (DORATIOTO, 2002, p. 88)

Trecho 2.1.22

Nesse contexto, a única e precária defesa de que dispunha o Mato Grosso, em caso de ataque paraguaio, era o forte Coimbra, construído na época colonial e estrategicamente localizado às margens do rio Paraguai, na fronteira com o país guarani. (DORATIOTO, 2002, p. 99)

Trecho 2.1.23

Em 5 de março de 1865, o Congresso paraguaio reuniu-se, como sempre convocado pelo Executivo para sacramentar uma decisão, neste caso, a de fazer à guerra a Argentina. Na mensagem ao Congresso, Solano López fez duras referências ao governo argentino e, durante os quatro dias de sessões, se expôs que a Argentina declarara tacitamente guerra ao Paraguai ao não autorizar a passagem de tropas guaranis por seu território, enquanto permitia que a esquadra brasileira subisse o rio Paraná. O argumento não procedia, pois esse rio tinha caráter internacional. (DORATIOTO, 2002, p. 130)

Trecho 2.1.24

Terminava, assim, a Retirada da Laguna. Desde a invasão do Paraguai, o Corpo Expedicionário teve 908 soldados mortos pela cólera, e pelo fogo inimigo, além "de grande número" de índios, mulheres, negociantes e outros homens que tinham acompanhado a coluna. (DORATIOTO, 2002, p. 128)

Trecho 2.1.25

O plano de invasão do país guarani pelo sul, por Corrientes, aproveitando-se do domínio dos rios pela esquadra imperial, permitiria, em tese, o reaprovisionamento e deslocamento rápido de tropas. (DORATIOTO, 2002, p. 138)

Trecho 2.1.26

Em 9 de março de 1865, Adolfo Soler, cônsul argentino em Assunção, alertou Rufino de Elizalde de que os paraguaios invadiram, em pouco tempo, a Argentina. O cônsul acreditava, porém, que a invasão teria como finalidade passar tropas que atacariam território brasileiro. Dias depois, Soler renunciou a seu cargo argumentando que a situação era perigosa e que, para anular a "má impressão" que o governo paraguaio tinha de seu congêneres argentino, este devia ter no país guarani um representante de maior hierarquia diplomática e não apenas um cônsul. Em 13 de abril de 1865, uma flotilha de cinco vapores de guerra paraguaios, entre os quais o *Marquês de Olinda*, incorporado à Marinha de Guerra guarani, chegou à cidade argentina de Corrientes e atacou dois navios da Marinha argentina, o *Gualeguay* e o *25 de Mayo*, que se encontravam no porto. (DORATIOTO, 2002, p. 131)

Trecho 2.1.27

Em 1º de maio de 1865, representantes da Argentina, Brasil e Uruguai, respectivamente, Rufino de Elizalde, Almeida Rosa e Carlos de Castro, assinaram o Tratado da Tríplice Aliança contra o Paraguai. O texto do acordo era secreto e estabelecia, além da aliança militar, os pré-requisitos para o estabelecimento da paz. Também as fronteiras entre o país guarani e os vizinhos argentino e brasileiro foram previamente determinadas. (DORATIOTO, 2002, p. 158)

Trecho 2.1.28

Há indícios, realmente, de que o governo argentino não descartava, à época, a possibilidade de anexar o Paraguai, embora, ao que tudo indica, não tivesse um plano preparado nesse sentido. Paranhos ouviu de José Mármol, em almoço que ambos tiveram em Montevideú, que a incorporação do país guarani era pensamento de Mitre e que isso determinaria uma aliança da Argentina com o Brasil.[...] Apesar das resistências do governo argentino, a posição de Almeida Rosa foi vitoriosa e o artigo 9º do Tratado de Aliança determinou que, finda a guerra, seriam garantidas a independência, a soberania e a integridade territorial paraguaias. Tal integridade, porém, seria do que restasse de território ao país guarani, após ser aplicado o artigo 16º daquele tratado, pelo qual o Paraguai perdia para os aliados territórios até então sob sua soberania, ou ainda, litigiosos. (DORATIOTO, 2002, p. 160)

Trecho 2.1.29

Ainda por iniciativa de Almeida Rosa, foi assinado um protocolo, também em 1º de maio, que estabelecia a demolição da fortaleza de Humaitá e a proibição de o país guarani levantar, no futuro, outras fortificações que pudessem dificultar a livre navegação do rio Paraguai. (DORATIOTO, 2002, p. 162)

Trecho 2.1.30

Pelo Tratado de 1º de maio, o rio Paraná seria argentino até Corrientes e daí para cima seria compartilhado com o país guarani, o mesmo ocorrendo com o rio Paraguai. (DORATIOTO, 2002, p. 164)

Trecho 2.1.31

A inovação ao que fora assinado em 1º de maio de 1865 era a instrução para que se buscasse estabelecer a neutralização do território guarani, "muito necessária, considerando a posição topográfica [do Paraguai]". (DORATIOTO, 2002, p. 167)

Trecho 2.1.32

O texto brasileiro, por sua vez, ao propor a manutenção das tropas aliadas no país guarani, mesmo depois de assinada a paz, poderia ser interpretado como tentativa de estabelecer um protetorado, quando, na verdade, buscava evitar, com a presença de tropas imperiais, que a

influência argentina viesse a ameaçar a independência paraguaia. (DORATIOTO, 2002, p. 168)

Trecho 2.1.33

A evacuação do Passo da Pátria poupou muitas vidas aos aliados, que se preparavam, mediante bombardeios por parte dos canhões da esquadra, para atacar esse acampamento. Este era bem fortificado e, segundo Thompson, se Solano López tivesse defendido as trincheiras de Passo da Pátria, em lugar de sacrificar homens inutilmente, enviando-os a combater às margens do rio, teriam caído de 8 mil a 10 mil soldados aliados, sem grandes perdas do lado paraguaio. Para esse autor, foi um erro enviar os soldados guaranis à margem do rio, para combatentes em que eram numericamente inferiores. (DORATIOTO, 2002, p. 210)

Trecho 2.1.34

Apenas durante a seca, quando os pântanos baixavam, as lagunas e as areias movediças ficavam visíveis, aparecia um pequeno trecho de terreno sólido, que se estendia ao norte dessa posição e terminava em Tahí, pequena posição guarani fortificada, à margem do rio Paraguai e acima de Humaitá. (DORATIOTO, 2002, p. 211)

Trecho 2.1.35

Os autores dão números diferentes; os mortos paraguaios seriam 6500 na opinião de Barreto, para quem as baixas aliadas foram de 3647, das quais 3011 brasileiros; para Silva Pimentel foram 7 mil os mortos guaranis. (DORATIOTO, 2002, p. 222)

Trecho 2.1.36

Ninguém ousou lembrar a Solano López que os aliados tinham superioridade esmagadora em homens e em artilharia, que dispunham da vantagem da defesa, e, ademais, que os soldados guaranis portavam armamento inferior. A falta desse alerta não surpreende, pois o Paraguai vivia havia décadas sob ditaduras e, ao contrário dos países aliados, lá inexistia uma sociedade civil minimamente organizada e aquele que divergisse da atitude do governante na certa caía em desgraça. (DORATIOTO, 2002, p. 224)

Trecho 2.1.37

De Assunção e do interior do país afluíram novos recrutas, enquanto os hospitais liberaram apressadamente os feridos das batalhas de maio; velhos e adolescentes, a partir dos doze anos de idade, eram incorporados às fileiras guaranis e escravos foram libertos com a mesma finalidade. (DORATIOTO, 2002, p. 229)

Trecho 2.1.38

Logo as armas de fogo calaram-se e a luta foi de corpo a corpo, com baionetas, lutando os

paraguaios "como leões". Sem tempo para recarregar seus fuzis, os soldados guaranis lutavam com golpes de baioneta, de sabre, com coronhadas "e até com pedras e terra atirada nos olhos de seus encarniçados e valentes adversários". (DORATIOTO, 2002, p. 232)

Trecho 2.1.39

O ataque, se feito pelo 1º Corpo de Exército brasileiro, pelo passo Gómez, se desenrolaria em um terreno ainda pior do que aquele em que os atacantes acabaram lutando para tomar a posição guarani. (DORATIOTO, 2002, p. 239)

Trecho 2.1.40

No Brasil houve desânimo com a continuidade da guerra, tornando-se crescente a dificuldade para o alistamento de novos soldados. As propostas de paz não foram aceitas e a dificuldade de alistar cidadãos brasileiros para o conflito foi parcialmente contornada pela libertação de escravos para irem combater no país guarani. (DORATIOTO, 2002, p. 255)

Trecho 2.1.41

O barão de Cotegipe, ao comentar o fato de MacMahon seguir Solano López em sua fuga, afirmou que o diplomata contribuiu para animar a resistência guarani e prolongar o conflito. (DORATIOTO, 2002, p. 259)

Trecho 2.1.42

Masterman foi então libertado, juntamente com Bliss, e, em *Siete años de aventuras en el Paraguay*, deu testemunho do que viu e viveu no país guarani. Nesse relato desmente a existência da citada conspiração, descreve as torturas pelas quais passou na prisão e afirma terem ele e Bliss recebido autorização de Washburn para dizer qualquer coisa contra esse diplomata que pudesse servir para salvar suas vidas. Segundo Thompson, a acusação contra Mastermann e Bliss foi "uma horrível farsa". (DORATIOTO, 2002, p. 345)

Trecho 2.1.43

Simultaneamente á retirada da cúpula militar brasileira do Paraguai, partia para tal destino, em missão especial, o ministro dos Negócios Estrangeiros, conselheiro José Maria da Silva Paranhos, para negociar os tratados de paz. Supunha o governo imperial que no país guarani estaria criado, ou o seria em poucos dias, um governo provisório. (DORATIOTO, 2002, p. 393)

Trecho 2.1.44

Segundo Zacarias, por ocasião da primeira solicitação, temia-se que a ida de um príncipe ao teatro da guerra fosse interpretada por outros países como indício de aspiração de conquista ou de plano para estender ao país guarani a forma monárquica de governo.

(DORATIOTO, 2002, p. 398)

Trecho 2.1.45

A maquinaria do arsenal de Assunção, que os paraguaios evacuaram antes de abandonar a cidade, foi remontada em Caacupé, onde se inaugurou uma rudimentar fundição. Fabricaram-se, assim, centenas de fuzis, sabres, lanças e, durante o mês de fevereiro de 1869, novos canhões foram incorporados à modesta artilharia guarani. (DORATIOTO, 2002, p. 399)

Trecho 2.1.46

A postura de Mariano Varela indicava que o governo de Sarmiento temia que o Império, valendo-se do Tratado de 1865 e das autoridades provisórias, estabelecesse um protetorado sobre o país guarani. (DORATIOTO, 2002, p. 421)

Trecho 2.1.47

Paranhos, ao dirigir-se ao Paraguai, passou antes por Buenos Aires com o fim de convencer o aliado argentino da necessidade de se estabelecer um governo provisório no país guarani. (DORATIOTO, 2002, p. 421)

Trecho 2.1.48

Administrar Assunção era desgastante ao Exército brasileiro, quer por não conseguir atender a essas necessidades, quer por ter que dirigir seus esforços na perseguição a Solano López. Assim, interessava ao Império que a responsabilidade administrativa sobre a capital guarani passasse às mãos de cidadãos paraguaios antilopiztas. (DORATIOTO, 2002, p. 422)

Trecho 2.1.49

Depois foi enviado um documento aos representantes aliados que se reuniam naquela capital, Mariano Varela, José Maria da Silva Paranhos e o uruguaio Adolfo Rodrigues, no qual se solicitava a constituição de um governo provisório paraguaio. O pedido era assinado por 335 cidadãos guaranis, sendo, porém, acompanhado de uma nota, datada de 29 de abril, na qual se colocava a necessidade de estabelecer o referido governo e de “preparar depois a organização política da República, criando os poderes permanentes que irão assinar os tratados necessários ou preparatórios ao estabelecimento das boas relações com as nações aliadas”. (DORATIOTO, 2002, p. 424)

Trecho 2.1.50

A política original de Varela pretendia ser franca com o vencido, e discutir com o Paraguai, em pé de igualdade, a questão de limites. Desprezava a aliança com o Império, por temer que este, utilizando-se do Tratado de 1865, estabelecesse um protetorado sobre o país

guarani. (DORATIOTO, 2002, p. 425)

Trecho 2.1.51

[...] Esses brasileiros manobravam contra a instalação das novas autoridades paraguaias, pois lhes interessava a continuação do caos administrativo de Assunção, que contribuía para manter as grandes despesas de guerra, que favoreciam o comércio. Acrescentava o diplomata que “os nossos militares querem dispor das coisas e das pessoas do Paraguai à sua vontade”, temendo perder essa liberdade e as casas que ocupavam na capital paraguaia. A atuação desses brasileiros acabava por fortalecer a posição argentina no país guarani. (DORATIOTO, 2002, p. 428)

Trecho 2.1.52

Em 2 de junho, os representantes aliados chegaram a um denominador comum e assinaram dois protocolos. O primeiro estabelecia a criação do governo provisório paraguaio e, a partir do projeto brasileiro, definiu-se que ele seria composto por três membros, livremente escolhidos pelos cidadãos guaranis de territórios sob controle dos aliados. (DORATIOTO, 2002, p. 427)

Trecho 2.1.53

Nessa oportunidade, os generais aliados fizeram uma proclamação na qual buscavam associar os integrantes de seus países com os do povo guarani, reafirmando que a luta era contra a tirania e não contra a nação paraguaia. (DORATIOTO, 2002, p. 428)

Trecho 2.1.54

O enviado imperial propôs, então, ao conde d’Eu que também o Império procurasse ter paraguaios “amigos”, mas desaprovou e conseguiu que fosse anulada por esse comandante-em-chefe a ordem de que se recrutassem cidadãos guaranis para o Exército brasileiro. (DORATIOTO, 2002, p. 428)

Trecho 2.1.55

Por insistência de Paranhos foram entregues, às autoridades paraguaias, objetos de ouro e prata pertencentes a igrejas guaranis e que estavam de posse de Solano López em Ascura, onde foram apreendidos. Emilio Mitre propusera que esses objetos fossem divididos entre os aliados e, depois, vendidos. (DORATIOTO, 2002, p. 433)

Trecho 2.1.56

[...] O enviado brasileiro procedia, conforme seu próprio relato, com o fim de chegar rapidamente a um acordo com a Argentina quanto à instalação de um governo paraguaio definitivo, de modo a retirar do território guarani o mais breve possível as tropas brasileiras, o que pouparia ao Tesouro imperial os gastos com a ocupação. Paranhos acreditava que os próprios soldados paraguaios poderiam dar continuidade à perseguição a

Solano López. (DORATIOTO, 2002, p. 437)

Trecho 2.1.57

O governo do presidente Sarmiento, por sua vez, temia pretensões expansionistas do Império em relação ao país guarani. (DORATIOTO, 2002, p. 463)

Trecho 2.1.58

[...] Para os governantes brasileiros nesse período, todos conservadores, a situação política interna do Paraguai era elemento definidor do futuro do país como Estado independente. Sua existência estaria tanto mais ameaçada quanto maior fosse a instabilidade política interna, bem como mais se fizesse presente a influência de cidadãos argentinos residentes em Assunção, comerciantes e militares, sobre o governo paraguaio. Por essa perspectiva, um ou outro fator, ou a conjunção dos dois, poderia criar as condições para a anexação do país, desejada por Buenos Aires. A melhor forma de combater essa ameaça era a estabilidade política interna guarani, por meio do fortalecimento das instituições e do poder central, bem como do impedimento da ascensão à presidência de um político paraguaio que tivesse ligações com interesses argentinos. (DORATIOTO, 2002, p. 464)

Trecho 2.1.59

Como conseqüência desse acordo, o governo imperial enviou ao Paraguai o barão de Araguaia para colaborar com o representante argentino, novamente Bartolomé Mitre, em suas negociações de paz com o país guarani. [...] As autoridades paraguaias eram respaldadas pelo Império nessa postura, pois o Estado guarani estava de tal forma arrasado pela guerra que não teria condições, sem esse respaldo, de resistir à demanda territorial argentina. (DORATIOTO, 2002, p. 467)

Trecho 2.1.60

Quando Solano López chegou ao poder, o Exército guarani dispunha de 73273 soldados, número que se torna menos impressionante, mas ainda assim respeitável, se considerarmos que 43846 homens não tinham instrução militar e se restringiam a fazer exercícios de ginástica, aos domingos, com armas simuladas. (DORATIOTO, 2002, p. 92)

Trecho 2.1.61

São vários os relatos de combatentes aliados quanto à magreza e a quase nudez dos soldados guaranis. Essas carências, agravadas pela má condução da guerra por Solano López, não impediram, porém, que as forças paraguaias lutassem bravamente durante os longos anos do conflito. (DORATIOTO, 2002, p. 92)